

Projeto Experimental em JORNALISMO

Universidade Federal Fluminense
IACS- Instituto de Arte e Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Para repensar o preconceito

IACS/UFF

Niterói

07/2015

JACKELINE GRANADEIRO CHAGAS

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Para repensar o preconceito

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito obrigatório para
a obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social-Jornalismo.

ORIENTADORA: PROF. DR^a. ANA BAUMWORCEL

Niterói

2015

JACKELINE GRANADEIRO CHAGAS

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Memorial e trabalho prático apresentados ao curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal Fluminense como requisito obrigatório para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Ana Baumworcel

UFF

Prof. Dr. Evandro Bonfim

UFF

Prof. Dr. Marcio Castilho

UFF

Niterói, 2015

AGRADECIMENTOS

A espiritualidade por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que me deram a oportunidade de crescer profissionalmente, ética e pessoalmente.

A minha orientadora Ana Baumworcel, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, dicas e incentivos.

Aos meus pais e meu irmão, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu marido, Victor Valença, que mesmo de longe foi meu refúgio e o próprio incentivo para que eu concluísse esta etapa.

Ao Marcelo, que é um grande amigo e me ajudou em toda a parte técnica.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho é um projeto experimental prático que aborda o preconceito religioso e, além deste memorial, apresenta o documentário sonoro “Intolerância religiosa no Brasil”. De cunho educativo, o documentário em CD se encontra no envelope em anexo. O objetivo é mostrar como o preconceito faz parte do pensamento e do comportamento de alguns, assim como suas causas e consequências. Para isso, foram utilizadas estatísticas com o perfil religioso do país, opiniões de estudiosos a respeito da tolerância/intolerância religiosa e relatos de pessoas, vítimas do preconceito e da discriminação, contando suas histórias. Buscou-se produzir um documentário sonoro com conteúdo contra hegemônico em relação ao que vem sendo noticiado pela mídia. A proposta deste trabalho de conclusão é produzir material sonoro que contribua para mudar mentalidades, gerar reflexão sobre o assunto e promover o respeito ao próximo. Para checar esta proposta, o documentário foi apresentado para uma turma de alunos do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Aurelino Leal, em Niterói. Ao final deste memorial, encontra-se, um exemplo do questionário aplicado para se averiguar qual foi a recepção dos estudantes em relação ao documentário. Por ser um projeto experimental prático, neste memorial pode-se conferir ainda todo o processo de produção sonora, desde a escolha das fontes até o roteiro de gravação. “Intolerância Religiosa no Brasil” contextualiza o preconceito, mostra o que está por trás da intolerância, reflete sobre o racismo em relação às religiões de matrizes africanas e sobre as soluções ao longo da história para as ofensas e violências cometidas, entre outros pontos.

Palavras-chave: Intolerância religiosa; rádio documentário; preconceito.

A todos que de alguma maneira foram discriminados por sua religião ou por não crerem em Deus ou deuses. A vontade de contribuir com um mundo melhor foi meu fôlego e me deu coragem para questionar realidades, a propor sempre o respeito e tentar contribuir para uma convivência pacífica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1.O preconceito enquanto hegemonia	11
1.2.O que é preconceito?.....	12
1.3.Tolerância/Intolerância Religiosa	14
1.3.1. Liberdade de expressão x Intolerância Religiosa	18
1.3.2. Dia de Combate à Intolerância Religiosa e Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa.....	19
1.3.3. O (a) preconceito/discriminação em relação às religiões afro-brasileiras provém também do racismo?.....	22
1.4.O perfil religioso no Brasil.....	24
1.5.O rádio como veículo expressivo e educativo.....	25
2. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO SONORO	27
2.1.Entrevistas	27
2.2.Entrevistados	27
2.2.1. Tipos de entrevistas	29
2.3.Escolha das músicas e efeitos sonoros	30
2.4.Apresentação do documentário no Colégio Estadual Aurelino Leal	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
BIBLIOGRAFIA	34
ANEXOS	37

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é polêmico por discutir o preconceito religioso, um comportamento que, infelizmente, ainda existe na sociedade brasileira. O preconceito, em geral, estigmatiza lugares, pessoas, religiões, entre outros. Vivenciamos isso de perto. Muitas vezes até dentro de nós mesmos. Este projeto vai mostrar como o preconceito começou a fazer parte do pensamento e do comportamento de alguns, suas causas e consequências. Vai trazer também o perfil religioso do país, opiniões de especialistas a respeito da tolerância/intolerância religiosa, além de relatos de pessoas, vítimas do preconceito e da discriminação, contando suas histórias. Muitos adeptos de variadas doutrinas, principalmente as afro-brasileiras, sofrem sanções e perseguições, como ofensas, espancamentos, torturas, execução injustificada, negação de benefícios e de direitos e liberdades civis, bens confiscados, propriedades destruídas, entre outras violências. Alguns desses casos serão mostrados a partir de depoimentos das vítimas.

O artigo 18, da Declaração Universal dos Direitos Humanos garante que:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Este trabalho de conclusão de curso é um projeto experimental prático e a opção foi fazer um documentário radiofônico sobre o assunto. Neste memorial, pode-se conferir também todo o processo de produção sonora, desde a escolha das fontes até o roteiro de gravação. Acompanha este memorial, o material sonoro gravado em CD com o documentário radiofônico.

A opção pelo rádio se dá por ser um veículo de difusão universal, visto que alcança também deficientes visuais e analfabetos. Pela maior familiaridade com o veículo, ele foi escolhido para este projeto. Foi também uma opção de pôr em prática todo o conhecimento adquirido ao longo dos quatro anos da faculdade de jornalismo.

De modo geral, nas pesquisas feitas sobre casos de intolerância religiosa noticiados, percebeu-se que os veículos informavam sobre o ocorrido objetivamente e superficialmente. Por isso, o documentário radiofônico apresentado neste TCC busca aprofundar o tema proposto a partir de histórias das vítimas, além de levantar questionamentos que possam servir de reflexão para o ouvinte.

A escolha do objeto de estudo se deu em função de uma vivência particular e também pelo dever, enquanto jornalista, de pensar criticamente a sociedade brasileira e, a

partir disso, tentar desconstruir preconceitos. O jornalista Thiago Lobo, de Porto Alegre, reflete sobre o papel social do profissional da área e entende que muito mais do que difundir fatos objetivamente, faz-se necessário também um trabalho de humanização da reportagem visto que “a vida humana é matéria prima do jornalismo e de toda narrativa”. Em seu artigo para o Observatório da Imprensa, ele defende:

O papel do jornalista, na sociedade do consumo, é interpretar e traduzir informações. Não cabe a ele apenas informar. Devido à saturação da informação, cabe ao jornalista interpretá-la, atribuindo-lhe sentido e precisão na produção de um bem intelectual que dê ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar. É aí que reside a grandeza de um texto e só então pareceria correto atribuir ao jornalismo o papel de auxiliar na difusão do conhecimento. [...] É possível ser objetivo em um texto jornalístico e descrever um acontecimento com precisão e técnicas narrativas literárias que lhe componham as sutilezas que permeiam a história humana. (LOBO, 2015)

Tendo isso em vista, o documentário apresentado neste TCC procura não apenas informar casos de intolerância religiosa, como é recorrente na mídia, mas contextualizar o preconceito, o que está por trás da intolerância religiosa, refletir sobre o racismo em relação às religiões de matrizes africanas e sobre as soluções ao longo da história para as ofensas e violências cometidas com as mais variadas religiões, entre outros pontos.

“Intolerância Religiosa” é um assunto que merece atenção não só no Brasil como no mundo inteiro. Neste caso, o recorte é o Brasil, onde a sociedade é plural em termos étnicos. Documentar esse tema é uma forma de chamar a atenção para um problema cotidiano pouco aprofundado nas mídias tradicionais, além de tentar conscientizar e promover o respeito para com o outro. Mais que uma questão religiosa, é uma questão cultural e social, assegurada por lei¹.

O documentário radiofônico “Intolerância Religiosa no Brasil” é um programa piloto de vinte minutos que poderia ser transformado em uma série de reportagens sobre questões de intolerância. A intenção é informar com mais profundidade, incentivar o debate sobre o assunto, além de promover o respeito, estimular a reflexão dos ouvintes e tentar desmistificar o preconceito, formando novas mentalidades por meio dos relatos das vítimas, que humanizam o documentário com exemplos reais. O objetivo é trazer a reflexão sobre o cenário de perseguições e incitação ao ódio para com as diferentes crenças, estabelecendo assim uma relação com o ouvinte, fazendo-o se colocar no lugar do

¹ Art 5º da Constituição da República Federativa do Brasil: VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

outro. Para testar este objetivo, o documentário radiofônico foi apresentado numa turma de estudantes do ensino médio de Niterói.

A pergunta que norteou este trabalho foi: Por que num país como o Brasil com um perfil multiétnico existe intolerância religiosa? A hipótese inicial trabalhada foi a de que há preconceito/intolerância religiosa quando não há conhecimento (ou ignorância) por parte do intolerante sobre as outras crenças ou sobre a possibilidade de alguém não ter crença, como os ateus e agnósticos. Essa hipótese é defendida também pelo pedagogo Ivanir dos Santos, um dos entrevistados para o documentário radiofônico. Já a antropóloga Rosiane Rodrigues acredita que a discriminação é produto de uma disputa de poder antiga, que vem desde os tempos em que o Brasil era colônia de Portugal. Ela também foi entrevistada para este trabalho.

Outra hipótese apresentada no documentário radiofônico é a de que a intolerância para com religiões de matrizes africanas tem como precursor o racismo. No entanto, o cenário mudou bastante com o decorrer dos anos e o racismo passou a afetar a população branca também, após a mesma começar a aderir às religiões afro-brasileiras, mais identificadas com a população negra que trouxe sua fé na época do Brasil colônia. É importante ressaltar que este projeto experimental prático não visa generalizar, ou seja, dizer que todos que seguem uma religião (ou os ateus), seja ela qual for, são intolerantes, mas retratar a intolerância por uma parcela latente na sociedade.

O método para realizar este projeto experimental prático teve como base a pesquisa bibliográfica sobre intolerância religiosa, preconceito e racismo. Também se optou pela entrevista como matéria-prima do documentário radiofônico e como forma de apresentar diferentes opiniões sobre o tema. Segundo Jorge Duarte (2005), a entrevista em profundidade é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisa-las e apresenta-las de forma estruturada”.

Entre os entrevistados, estão a Antropóloga e especialista em Relações Etnicorraciais, Rosiane Rodrigues; um dos fundadores da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa e do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas), Ivanir dos Santos e a Psicoterapeuta especialista em Programação Neuro Linguística Anna Branquinho. Eles contribuíram para dar credibilidade e ilustrar o documentário radiofônico.

Além dos especialistas, a fim de humanizar a narrativa, sensibilizar o ouvinte e dar margem à reflexão e ao debate, foram feitas também entrevistas em profundidade, em formato de áudio retrato², com adeptos das cinco principais religiões do Brasil, segundo o IBGE, que são: católica, evangélica, espírita, umbanda e candomblé.

Como a proposta é também investir na experimentação sonora, será utilizado o formato de áudio retrato que tem como objetivo interferir o mínimo possível na narrativa e humanizá-la através de relatos de, por exemplo, vítimas de intolerância. O áudio retrato não é composto por uma entrevista tradicional com perguntas e respostas objetivas e a intenção é dar voz ao entrevistado para que ele conte sua história trazendo a emoção que a envolve.

Este documentário radiofônico tem ainda um caráter educativo e, depois de finalizado, foi apresentado aos alunos de uma turma do segundo ano do ensino médio do Colégio Estadual Aurelino Leal, de Niterói, com o intuito de avaliar a eficácia da proposta de desmistificar e desconstruir preconceitos, contribuindo para formar mentalidades.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. O preconceito enquanto hegemonia

Este projeto trabalha com o conceito de hegemonia de Gramsci, tomando como ponto de partida o preconceito enquanto comportamento/pensamento hegemônico. A proposta é de que o documentário radiofônico contribua para uma reflexão contra hegemônica, ou seja, faça pensar criticamente sobre o “senso comum”, sobre a ideologia que aceitamos de forma passiva. Gruppi (2003) defende:

Gramsci observa que em todo homem está presente uma consciência imposta pelo ambiente em que ele vive, e para a qual, portanto, concorrem influências diversas e contraditórias. Na consciência do homem, abandonada à própria espontaneidade, não ainda criticamente consciente de si mesma, vivem ao mesmo tempo influências ideológicas diferentes, elementos díspares, que se acumularam através de estratificações sociais e culturais diversas. A consciência do homem não é mais do que o resultado de uma relação social, e é ela própria uma relação social. Portanto, não temos a alma entendida como essência autônoma, aristotelicamente, mas sim a consciência, como resultado de um processo social. (GRUPPI, 2003, p.67)

Hegemonia, segundo Gramsci citado por Gruppi (2003), é o predomínio de ideias/conduas/convicções da classe dominante que são absorvidas pela classe dominada

² Quando o sujeito mostra seu ponto de vista sobre determinado assunto.

através das relações sociais. E essa hegemonia pode ser construída pela persuasão, pela educação, pela ideologia, enquanto uma reforma intelectual e moral. Gramsci ainda é categórico ao analisar que existem canais pelos quais a ideologia das classes dominantes consegue alcançar as classes dominadas e um deles é a religião. Por meio da religião a grande massa recebe uma determinada concepção de mundo e dependendo do discurso do líder religioso, são transmitidas visões engessadas de que o que for diferente do que sua doutrina prega deve ser “repudiada” e combatida. Portanto, deve-se trabalhar uma concepção nova, cujo ‘senso comum’, carregado de ignorância e preconceito que a população assume “passivamente”, possa servir como base para criar o ‘senso crítico’, o que Gramsci chama de “bom senso” (GRAMSCI apud KONDER, 2002).

Por falar em hegemonia, é válido esclarecer o conceito de contra hegemonia, que é o foco deste trabalho. Segundo a visão de Denis de Moraes (2010, p.73), o conceito de contra hegemonia:

Trata-se de apresentar argumentações alternativas para fazer mudar o senso comum, aprofundando e aperfeiçoando o conhecimento crítico da realidade para transformá-la. Significa reorientar as percepções sobre o mundo vivido e combater as racionalidades hegemônicas, vislumbrando o presente como passível de ser alterado por ações concatenadas e convincentes.

1.2. O que é o preconceito?

Não há como estabelecer/precisar onde, quando e como surgiu o preconceito no mundo, mas este é um “sentimento/pensamento/comportamento” presente na vida do indivíduo em geral e que permeia as relações humanas e sociais. Para entendermos o preconceito e suas consequências, fomos buscar alguns autores que conceituam e refletem sobre o assunto, abordando temas como identidade, relações sociais e de dominação.

A identidade é um conceito-chave para pensarmos sobre os fatores que levam a intolerância, sobretudo religiosa. A identidade cultural de um povo está em constante processo de transformação, ao passo que os aspectos culturais do passado assimilam novas culturas no contato com outros povos. Através do conhecimento das relações históricas entre culturas, é que tomamos consciência também sobre as relações de dominação entre elas (CARDOSO, 2003, p.14).

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Aurenéa Maria de Oliveira (2014, p.225), reforça que “para uma identidade sobressair, se erguer, ela se depara com outras identidades, o que pode gerar uma relação de aproximação ou

afastamento.” Para ela, o problema na atitude de afastamento é quando gera um comportamento de negação do Outro, de não aceitação das diferenças, transformando-se numa postura, em âmbito democrático, que inviabiliza a este diferente o direito, a legitimidade de existir, de não ser semelhante.

Sob o aspecto da vida cotidiana e na esfera das relações sociais, dois autores trazem suas reflexões acerca do preconceito e da consciência imposta no meio em que vivemos. Na visão de Agnes Heller, o preconceito está inserido no pensamento e comportamento cotidianos, que quando fixados na experiência, acaba assumindo uma posição ultrageneralizadora. Sobre isso ela pontua:

De duas maneiras chegamos à ultrageneralização característica de nosso pensamento e de nosso comportamento cotidianos: por um lado, *assumimos* estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são “*impingidos*” pelo meio em que crescemos e pode-se passar muito tempo até percebermos com atitude crítica esses esquemas recebidos, se é que chega a produzir-se tal atitude. (HELLER, 2004, p.43, grifo da autora)

Heller (2004, p.43-47) defende que o preconceito é uma característica inerente à vida cotidiana, mas não imutável. Pode, sim, se alterar e modificar na atividade social e individual, a partir do momento que o indivíduo cria senso crítico, ou seja, pensa contra hegemonicamente. A pesquisadora ainda alega que o preconceito é, pois, um juízo provisório, visto que se antecipa à atividade possível, mas nem sempre se confirma na prática.

Entretanto, alerta que nem todo juízo provisório é considerado preconceito, mas os juízos refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos. Heller adianta que quem não se liberta de seus preconceitos acaba fracassando, inclusive pessoalmente (HELLER, 2004, p.43-47). Em entrevista à autora desse TCC, a antropóloga Rosiane Rodrigues explicou a diferença entre preconceito e discriminação:

O que é diferente vai fazer com que você tenha resistência e isso é normal do ponto de vista das relações. O que é diferente de você, evidentemente, te causa algum tipo de estranhamento. Preconceito tem a ver com estranhamento. Discriminação é outra coisa. Discriminação é quando você usa as suas concepções de mundo para negar direitos, ou seja, se você é uma pessoa de determinada religião e por ter outra pessoa de uma outra religião, você nega um direito que essa pessoa deveria ter. Quando a gente vai falar sobre discriminação, vai pensar na chave da igualdade de acesso, na igualdade de direitos. E aí, a gente vai falar de relação de poder. Quando você se utiliza da sua forma de ver o mundo e acredita que a pessoa que não vê o mundo da mesma forma que você não tem direitos, não tem a possibilidade de manter uma igualdade com você, isso é discriminação, isso é crime.

Na reflexão sobre a tolerância/intolerância religiosa, a definição do termo “preconceito” ganha outro sentido, quando se refere a uma fixação *afetiva*. Dois tipos de

afetos podem se relacionar a uma opinião, visão ou convicção, segundo Heller, e um deles é a fé. Agnes Heller (2004) utiliza-se da seguinte argumentação:

O afeto do preconceito é a fé. [...] no caso da fé, sempre aparece o par de sentimentos amor-ódio; e o ódio não se dirige tão-somente contra aquilo em que não temos fé, mas também contra as pessoas que não creem no mesmo que nós. A *intolerância emocional*, portanto, é uma consequência necessária da fé. (HELLER, 2004, p.47, grifo da autora)

De um ponto de vista menos subjetivo, mas de certa forma também ligado à afetividade, a psicóloga especialista em Programação Neuro Linguística (PNL), Anna Elizabeth Branquinho buscou e encontrou respostas para conhecer o funcionamento neurológico e linguístico do ser humano em relação ao preconceito. Para ela, este é um conceito prévio sem olhar todos os aspectos, ou seja, “quando se rotula uma pessoa de preconceituosa, entende-se que esta pessoa elegeu apenas um conceito e todo o olhar dela vai em direção àquele conceito e os demais a pessoa não consegue alcançar”³:

Um fundamento da PNL trata que a realidade é diferente do mapa. Se você pega qualquer pedaço físico (mapa mesmo, como o do Brasil) e desenha esse espaço, o desenho desse espaço não é o espaço. É assim que a gente vive. A minha realidade é o desenho da minha realidade e o preconceito está muito ligado nessa história, porque o que nós entendemos, o que nós captamos através dos nossos sentidos é o que estamos vivenciando. Isso vai para dentro de mim e eu dou um significado. Mesmo quem esteja vivendo a mesma situação comigo vai dar um significado próprio. São essas questões que criam as divergências, porque quando eu sinto a realidade da minha forma, eu custo a crer que as pessoas não sentem a realidade da mesma forma.

Questionada se o preconceito poderia ser superado com o tempo junto a um trabalho de conscientização ou se ele apenas fica “adormecido” na mente por uma convenção social do “politicamente correto”, Anna entende que pode sim haver uma quebra de paradigma, mas a vivência emocional contribui de certa forma com a latência (ou continuidade “discreta”) do preconceito, como ela afirma a seguir:

O ensinamento de um pai ou um ditado de uma mãe, que carregam em si, sendo verdade ou não, uma memória emocional que não acreditamos mais, mas, de repente, numa situação acabamos colocando. É como se a gente trouxesse a vovó, a mamãe de novo para aquele local. É como se pensássemos assim: eu não penso mais assim, não ajo mais assim, mas não renego essa linha familiar. [...] Em algum momento os “conceitos”, sendo bons ou não, podem se repetir.

1.3. Tolerância/intolerância religiosa no Brasil

Desde sua “descoberta”, o Brasil já se caracterizava pela sua pluralidade, não tão acentuada quanto hoje, mas já com seus traços culturais diversificados e em transformação. Primeiro os índios, depois os escravos negros com os jesuítas e sua catequese, em seguida

³ Entrevista à autora deste trabalho em 7 de março de 2015.

os fiscais, a Família Real e assim deu-se início a uma era de dominação eurocêntrica e etnocêntrica. Na época das grandes navegações, quando Portugal e Espanha buscavam novas terras, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil (nome dado somente em 1511) no dia 22 de abril de 1500 e seis dias após a chegada das 13 caravelas, foi celebrada uma missa, fincando a bandeira da Igreja Católica em terra tupiniquim. Na época, o catolicismo era a religião predominante na Europa.

Rousseau (2008), em *O Contrato Social*, parte da ideia de que a intolerância teológica é também uma intolerância civil. Para ele “cada Estado, tendo culto próprio, assim como também governo próprio, não distinguia os deuses das leis. A guerra política era também teológica: os departamentos dos deuses eram, por assim dizer, fixados pelos limites da nação”.

Estando então cada religião ligada às leis do Estado que a prescreviam, não havia outra maneira de converter um povo senão escravizando-o, nem outros missionários senão os vencedores e sendo a obrigação de mudar de culto a lei dos vencidos, era preciso vencer, antes de falar nisso. (ROUSSEAU, 2008, p.219)

Este pensamento de Rousseau pode ser identificado na realidade brasileira, levando-se em consideração a relação religião-política dos portugueses para com os escravos (nativos e africanos). Com suas crenças e rituais, os índios e negros escravos foram submetidos ao catecismo pelos Jesuítas, em 1549, como uma forma de angariar novos fiéis no Novo Mundo, visto que nessa época, na Europa, as religiões protestantes surgiam como alternativa ao grande poderio e influência da Igreja Católica. Na visão da antropóloga Rosiane Rodrigues, o Brasil está pautado pela intolerância religiosa desde sua “descoberta”. Quando questionada sobre quando/onde/como surgiu a intolerância religiosa no território brasileiro, Rosiane⁴ afirmou que:

O projeto de construção, de algo que viesse a se tornar o Brasil, é pensado a partir de um projeto mercantil e que foi justificado por várias teorias/convenções religiosas. Primeiro, no Brasil, você tem os jesuítas, que vieram catequizar os índios e os africanos escravizados. Essas populações tinham que trocar seus nomes e aceitar a igreja católica como sua salvadora, aceitar Jesus Cristo, e isso vai influenciar grandemente a elaboração das leis desde a primeira constituição do Brasil até agora.

Rosiane Rodrigues acredita que a intolerância está mais ligada à relação de disputa de poder do que propriamente ao culto ao sagrado. A antropóloga entende que a intolerância que vemos hoje é fruto de interesses políticos e econômicos, além da constante

⁴ Entrevista à autora deste trabalho em 20 de janeiro de 2015

afirmação do que é ou não legítimo, de quem pode ser considerado um verdadeiro cidadão ou cidadão de segunda classe⁵. Ela explica:

Quando a gente pensa sobre essa constituição, a gente não se choca da capoeira ter sido proibida em 1940, de ter tido o samba proibido em 1960, porque quando você vai pensar intolerância religiosa, você vai pensar intolerância do que é diferente, que não serve para ser o bonito, o belo, para ser o que você entende como algo que deve ser vivido pela sociedade. Aí, você vai ter o episódio da reforma Pereira Passos, em 1920, esse modelo europeu de tentar transformar a capital da República, que era o Rio de Janeiro, numa segunda Paris. Daí você vai jogar para fora do centro da cidade quem? Os negros, os escravizados, a população pobre e, obviamente, essa população que sempre se utilizou das práticas mágico-religiosas para curar os seus males.

Com o passar dos anos, o país recebeu diversos imigrantes estrangeiros e com eles, suas culturas e crenças, como é o caso dos suíços em 1820, os italianos posteriormente, os japoneses em 1908 e assim por diante. O Brasil virou território miscigenado, diversificado culturalmente, etnicamente e religiosamente. É até difícil estabelecer uma identidade única. Por isso, fez-se necessário uma separação entre Estado e Religião, para que ninguém se valesse de uma religião oficial, de uma perspectiva/doutrina exclusiva para cometer atos de intolerância para com quem seguisse/acreditasse em filosofias diferentes. Rousseau defende que a intolerância teológica, como ele chama, tem efeitos civis.

Por toda parte em que se admite a intolerância teológica, é impossível que não tenha algum efeito civil; [...] Atualmente, não há e nem pode haver mais uma religião nacional exclusiva; deve-se tolerar todas as que toleram as outras, desde que seus dogmas nada tenham de contrário aos deveres do cidadão. Mas seja quem for que diga: *Fora da Igreja não há salvação*, deve ser expulso do Estado, a menos que o Estado seja a Igreja e que o príncipe seja o pontífice. Tal dogma só é bom num governo teocrático e pernicioso em todos os outros. A razão pela qual se diz que Henrique IV abraçou a religião romana deve fazer com que todo homem de bem a abandone, e principalmente todo príncipe que saiba raciocinar. (ROUSSEAU, 2008, p.229 e 230, grifo do autor)

O termo intolerância por si só já carrega uma denotação ruim de algo que deve ser evitado e banido da sociedade civilizada que se vale da democracia, principalmente as plurais como a nossa, onde convivem brancos, negros, pardos, indígenas, heterossexuais, homossexuais, católicos, espíritas, evangélicos, umbandistas, muçulmanos e tantos outros. No entanto, não basta tolerar, de acordo com o escritor e jornalista José Saramago, numa entrevista ao jornal O Globo (2003):

Tolerar a existência do outro, e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância. (SARAMAGO, 2003)

No capítulo anterior “O que é o preconceito?”, falamos sobre a relação da identidade cultural com a relação de dominação e como ela pode, por ventura, levar à

⁵ Entrevista à autora deste trabalho em 20 de janeiro de 2015

intolerância, sobretudo religiosa. Clodoaldo Cardoso (2003) parte do pressuposto de que é necessário que haja certa identidade entre pessoas e grupos, a fim de estabelecer uma comunicação entre culturas e tolerância. Segundo Cardoso (2003, p.11), “a construção e o fortalecimento da identidade cultural e a consciência realista de seu próprio valor é a condição de um grupo ou povo ter possibilidade de diálogo com o outro no plano da diversidade e não da desigualdade”. Soukiassian (apud Cardoso, 2003, p.11), complementa que “Só quem está seguro de sua identidade cultural está em condições de aceitar como legítimo todo o estranho e diferente”. Em suma, valorizar a diversidade significa valorizar a identidade, mas identidade sem projeto etnocêntrico.

Uma forma de garantir a liberdade religiosa é separando religião e Estado. Na Constituição Imperial de 1824, outorgada em nome da “Santíssima Trindade”, a religião católica romana era tida como religião oficial, mas os seguidores de outras doutrinas tinham permissão para realizar seus cultos em casa. Na época do Império, a liberdade era apenas de crença e o único culto legitimado era o católico. Entretanto, em 7 de janeiro de 1890, após a proclamação da República, o cenário mudou. O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca redigiu o Decreto 119-A separando definitivamente o Estado da Igreja Católica Romana no Brasil. O decreto “proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”.

O Brasil tornou-se laico a partir de então. Apesar disso, os casos de intolerância religiosa⁶ ainda são significativos no país até hoje. Todas, inclusive a católica que foi a religião oficial por um longo período (e seguida pela maioria da população até hoje), sofrem preconceito, sendo as de matriz africana os alvos principais de violência. Um exemplo disso foi publicado no dia 19 de março de 2015 no site de notícias G1: a lei n. 9.734, concebida pelo vereador Jerônimo Alves (PRB), bispo da Igreja Universal, obriga escolas de Florianópolis a terem bíblias em “local de destaque”. A lei não apresenta nenhuma menção a obrigatoriedade de livros de outras religiões. Um vereador, que também é bispo da Igreja Universal, impõe um livro sagrado aos corpos discente e docente. É compreensível que a religião também faça parte da cultura de um povo. Mas, de maneira nenhuma isso pode ser imposto à alguém, principalmente vindo de um representante do

⁶ A mais alta Corte brasileira, o Supremo Tribunal Federal, já decidiu que a discriminação religiosa é uma espécie de prática de racismo. Isso significa que o crime de discriminação religiosa é inafiançável (o acusado não pode pagar fiança para responder em liberdade) e imprescritível (o acusado pode ser punido a qualquer tempo). A pena para o crime de discriminação religiosa pode chegar a 5 anos de reclusão (CF, art. 5o, incisos VIII e XLII).

Estado, que por sua vez é laico (ou deveria ser). As crianças estão em um processo de transformação na forma de pensar.

Pergunta-se então: Como ficam os alunos que não são adeptos do cristianismo numa escola onde só a bíblia é presença obrigatória? Será que isso acirrará a discriminação? Reiterando as ideias de Agnes Heller, nós podemos "assumir" ou nos ser impingidos preconceitos através das relações sociais e, a partir disso, pergunta-se: os alunos das escolas de Florianópolis podem crescer com uma concepção filosófico-religiosa imposta, sob um único ponto de vista? Não deveria a escola trabalhar a igualdade e o livre arbítrio, inclusive com os estudantes que não possuem religião? Considera-se que é válido apresentar às crianças essa concepção de vida espiritual, mas é necessário mostrar que não é a única e que elas podem optar por outras ou por nenhuma, se elas quiserem, e sem serem discriminadas por isso.

A antropóloga Rosiane Rodrigues concorda com o pedagogo Ivanir dos Santos e defende que “o ensino religioso nas escolas públicas é um atraso de dois séculos no ensino público”. Rosiane lembra, afinal, que o Estado é laico. Ivanir, por sua vez, defende o cumprimento da lei 10.639, na qual torna obrigatório o ensino da cultura africana nas escolas. Entretanto, para Ivanir intolerância religiosa é também uma questão de ignorância.

1.3.1. Liberdade de expressão x intolerância religiosa

Juliana Steck do Jornal do Senado (2013) discorre sobre a Intolerância Religiosa e faz uma breve separação entre liberdade de expressão/direito de criticar e o ato intolerante em si. Como caracteriza Juliana, “a intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana”. Criticar dogmas ou não concordar com essa ou aquela prática ou a falta dela não quer dizer que a pessoa seja intolerante, desde que não haja desrespeito, ofensa ou discriminação. Isso é assegurado pela liberdade de expressão/opinião.

Apesar de existirem leis que garantem a liberdade religiosa, as denúncias são expressivas ainda hoje. Em 2014, o Disque 100⁷ registrou 149 denúncias de discriminação religiosa no país. Mais de um quarto (26,17%) ocorreu no estado do Rio de Janeiro e 19,46%, em São Paulo e as crenças de matrizes africanas são as que mais sofrem ataques. A liberdade de expressão é assegurada segundo o artigo 5º, inciso IX da Constituição Federal de 88, a qual diz que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença (CONSTITUIÇÃO DE 1988).

No entanto, deve-se pensar a liberdade de expressão sempre com ética e responsabilidade. Um caso recente aqui do Brasil parecido com o do Charlie Hebdo⁸, na França, tem sido tema de debate. A Igreja Universal do Reino de Deus lançou os “Gladiadores do altar”, um projeto cuja proposta, segundo a IURD, é propagar a fé.⁹

No entanto, há denúncias de intolerância religiosa feitas por representantes de religiões de matriz africana em relação a estes “Gladiadores do Altar”. O MPF-BA (Ministério Público Federal na Bahia) instaurou um inquérito civil para apurar essas denúncias. Na Carta aberta às autoridades brasileiras entregue aos Ministérios Públicos Federais, constavam documentos e vídeos que denunciavam casos de intolerância religiosa e ataques às religiões de matriz africana. A IURD, por sua vez, desmente qualquer tipo de treinamento militar dos jovens que fazem parte dos “Gladiadores do Altar”¹⁰.

⁷ O principal canal de comunicação da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos é o Disque Direitos Humanos – Disque 100, serviço de atendimento telefônico gratuito, que funciona 24 horas por dia recebidas na Ouvidoria e no Disque 100 são analisadas, tratadas e encaminhadas aos órgãos responsáveis.

⁸ Massacre do *Charlie Hebdo* foi um atentado terrorista que atingiu o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* em 7 de janeiro de 2015, em Paris, resultando em doze pessoas mortas e cinco feridas gravemente. Os irmãos Saïd e Chérif Kouachi, vestidos de preto e armados com fuzis, entraram na sede do semanário no 11º arrondissement de Paris, supostamente como forma de protesto contra a edição *Charia Hebdo*, que ocasionou polêmica no mundo islâmico e foi recebida como um insulto aos muçulmanos.

⁹ O “Gladiadores do Altar” é um projeto da Igreja Universal do Reino de Deus de orientação e formação de jovens vocacionados para a propagação da Fé Cristã, que funciona desde janeiro de 2015. Seus membros são voluntários da Força Jovem Universal, programa social que conta com milhões de jovens em todo o Brasil e em outros países e que desenvolve atividades culturais, sociais e esportivas para auxiliar no resgate e amparo de populações de rua, viciados, jovens carentes e em conflito com lei.

¹⁰ UOL Notícias. **MPF-BA vai abrir inquérito para investigar Gladiadores do Altar, da Iurd**. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/03/24/mpf-ba-vai-abrir-inquerito-para-investigar-gladiadores-do-altar-da-iurd.htm>>. Acesso em: 27 maio. 2015.

1.3.2. Dia de combate à intolerância religiosa e caminhada em defesa da liberdade religiosa.

O dia 21 de janeiro de 2000 ficou marcado na história da luta em defesa da liberdade religiosa no Brasil. Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda, era adepta do candomblé e levava uma vida normal na Bahia até fundar seu terreiro de Candomblé localizado nas imediações da Lagoa do Abaeté, bairro de Itapuã em Salvador (BA). Durante o governo de Fernando Collor de Melo, quando havia as manifestações de impeachment no país, Mãe Gilda resolveu participar das manifestações reivindicando o impeachment do então presidente. A revista Veja publicou uma matéria, em 1992, cuja capa trazia uma foto de Mãe Gilda, vestida com roupas de sacerdotisa e uma oferenda em seus pés como forma de suplicar aos Orixás o que ela pedia. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) pegou esta foto e publicou em seu jornal “Folha Universal” em outubro de 1999 com uma tarja preta nos olhos dela e junto com uma reportagem agressiva sobre charlatanismo com o seguinte título: “Macumbeiros charlatões lesam o bolso e a vida dos clientes”.

A partir daí, o terreiro de Mãe Gilda foi alvo de vandalismo. Além disso, ela e seu marido foram agredidos física e verbalmente. O estado de saúde de Mãe Gilda já estava fragilizado, o quadro se agravou, ela não suportou os ataques e veio a falecer no dia 21 de janeiro de 2000. Após o ocorrido, sua filha Jaciara entrou com uma ação contra a IURD por danos morais e uso indevido de imagem e ao finalizar o período de luto, o Município de Salvador e, posteriormente, o Governo Federal instituíram o dia 21 de janeiro como o Dia de Luta Contra Intolerância Religiosa.

Outro fato importante na luta em defesa da liberdade de crença e de não crença no Brasil foi a criação da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa. Ivanir dos Santos dedicou boa parte de sua vida aos movimentos sociais. Lutou e luta, dia a dia, contra o racismo, a xenofobia e a intolerância. O pedagogo recebeu diversos prêmios em reconhecimento ao seu envolvimento com causas sociais. Um deles, em 1999, no Dia Internacional dos Direitos Humanos, quando foi agraciado com o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, conferido por uma comissão da sociedade civil e membros do governo, entregue pelo presidente da República na época, Fernando Henrique Cardoso.

A história da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa, que inclui crentes e não crentes, começou após o episódio em que traficantes que se consideravam evangélicos

expulsaram moradores de comunidades do Rio de Janeiro adeptos de religiões afro-brasileiras, segundo relatos de líderes de associações de moradores e religiosos. A Folha de São Paulo publicou, em 2006, uma reportagem na qual contava sobre o caso da Ilha do Governador, onde o traficante Fernando Gomes de Freitas, o Fernandinho, acusado de liderar o tráfico local e que se dizia evangélico, teria fechado ao menos três terreiros e proibido que pessoas circulassem pela favela com cordões ou pulseiras referentes às religiões afros.

Os rituais das mesmas também eram censurados em outras favelas do Rio, como é o caso dos despachos de “macumba” e reuniões proibidos nas ruas do complexo de favelas de Senador Camará (Zona Oeste), onde traficantes frequentavam cultos da Igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias (Folha de S. Paulo, 2006). Ao se apresentar à polícia, o chefe do tráfico local, na época Robson André da Silva, o Robinho Pinga, carregava uma bíblia na mão e afirmava ser evangélico.

Ainda na reportagem, “a Ordem dos Pastores Evangélicos Mundial, que reúne várias denominações evangélicas, informou desconhecer qualquer problema entre evangélicos e umbandistas. Segundo a organização, se houver algum tipo de atrito, é de cunho particular. A entidade admite que pastores realizam trabalhos de evangelização com traficantes de drogas, visando sua recuperação” (Folha de São Paulo, 2006).

A partir dessas situações, foi feito um ato a fim de pressionar as autoridades a tomarem algumas medidas. Ivanir conta, em entrevista, que a população não compareceu à audiência pública. Então, nas escadas da Câmara, ele sugeriu a realização de uma caminhada com o intuito de chamar a atenção da sociedade. O movimento nasceu impulsionado pela Umbanda e Candomblé, mas antes de realizá-la, Ivanir conta, em entrevista à autora, que fez uma proposta de ampliar aos outros segmentos religiosos. A eles, se juntaram os judeus, os católicos e grupos pequenos num primeiro momento.

Em 2008, foi criada a Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) que reúne lideranças de diversas religiões, além de ateus, Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, o Ministério Público e a Polícia Civil. Até hoje, a Comissão já produziu sete vezes a caminhada, que é um espaço de livre manifestação, de respeito à diversidade e que defende a liberdade religiosa, além de defender também o direito de não crença. “Eu sou religioso, mas se eu prego como religioso o “livre arbítrio”, que é um dom sagrado, não sou obrigado a te impor um modelo religioso. Você pode dizer que não acredita e isso não me dá nenhuma base para que eu possa lhe perseguir”, afirma Ivanir, em entrevista à autora.

O pedagogo faz um balanço desde a primeira até a sétima edição, realizada ano passado (2014), e aponta o crescimento da presença de lideranças e adeptos do catolicismo, além dos grupos minoritários como judeus, muçulmanos, ciganos, wiccanos¹¹, etc. Isso é um ponto positivo e negativo, pois apesar da história de dominação da Igreja católica no passado, seu posicionamento vem mudando ao longo da história, principalmente após o Papa João Paulo II, que melhorou a relação da Igreja com o Judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. O atual Papa Francisco ao afirmar na Jornada Mundial da Juventude, em 2013, que a Igreja condena qualquer forma de antissemitismo, também dá sua contribuição neste processo.

Ele enfatiza que o bem de toda a sociedade está em perigo onde uma minoria é perseguida e marginalizada devido a suas convicções religiosas ou por motivos étnicos e todos temos de nos sentir envolvidos. Na Jornada Mundial da Juventude, realizada em 2013 no Rio de Janeiro, o Papa fez referência ao racismo e à intolerância religiosa. De acordo com o pontífice, os preconceitos racial e religioso são "cruzes" que o mundo atual carrega e que acabam suscitando questionamentos entre os católicos acerca da fé na Igreja e em Jesus Cristo (Site UOL, 2013).

Apesar de ainda serem a maioria, os católicos também sofrem com o problema. Igrejas invadidas, imagens de santos quebradas, entre outros vandalismos. O catolicismo tem diminuído o número de adeptos enquanto os evangélicos só crescem, segundo análise do último Censo do IBGE, em 2010. Nas notícias que saem na imprensa sobre casos de intolerância religiosa, os protagonistas são, em sua maioria, pentecostais/neopentecostais. Vale ratificar que o objetivo deste trabalho não é condenar essa ou aquela religião, mas contextualizar o preconceito e a intolerância religiosa ao longo da história do Brasil, a causa e como isso sucede até hoje, a fim de entendermos a sociedade em que vivemos e formas de contribuir na luta contra o preconceito/intolerância.

¹¹ A Wicca é uma religião pagã que se dedica ao conhecimento da espiritualidade a partir da natureza e da psique humana.

1.3.3. O(a) preconceito/discriminação em relação às religiões afro-brasileiras provém também do racismo?

Na visão da ONG Minority Right Groups International (MRG)¹² a intolerância religiosa é uma das principais causas de perseguição das minorias no mundo. "A intolerância religiosa é o novo racismo", declarou Mark Lattimer, diretor da MGR (Site de notícias Terra, 2010). Mark acrescenta que muitas comunidades que enfrentaram discriminações raciais durante décadas são agora perseguidas por causa de sua religião. Aqui no Brasil temos o racismo como fruto, principalmente, da era colonial e escravocrata. Os negros trouxeram com eles características de sua cultura, inclusive a religião, a qual tiveram de se dispor do sincretismo com os santos católicos para continuarem cultuando seus deuses veladamente como, por exemplo, Ogum – São Jorge, Oxóssi – São Sebastião, Oxalá – Deus/Jesus e assim por diante.

O antropólogo cultural e Doutor em Ciências Sociais, Kabengele Munanga, define raça e comunidade religiosa, respectivamente, como:

Um conjunto de indivíduos sensatos que possuem características físicas hereditárias comuns. Seus membros podem manifestar preconceitos biológicos quando deduzem das características físicas as disposições intelectuais ou morais, deles ou dos integrantes de outros grupos, sendo estes últimos colocados numa posição inferior: racismo do branco contra os negros, racismo antijudeu, etc.[...] Uma comunidade religiosa é um conjunto de indivíduos que partilham da mesma religião. Nasce o preconceito religioso quando os membros da comunidade acreditam que sua religião é a melhor ou a única verdadeira. Os conflitos políticos podem enxertar-se nos conflitos religiosos: árabes cristãos e árabes muçulmanos, católicos e protestantes [...] etc. (MUNANGA, 1990, p.51-54)

Juntando essas duas definições, fica mais claro entender que uma das raízes da intolerância religiosa em relação às religiões de matrizes africanas também provém do racismo e da era escravocrata. Difunde-se uma ideia equivocada de que na África os negros viviam sob constante escravidão. A palavra “escravo”, do inglês “slave”, se refere à maioria do povo cativo de origem eslava na Baixa Idade Média. “A Europa foi um manancial de escravos para os reinos do Oriente Médio, mas o ensino da História, por ser eurocêntrico, não mostra essa questão” afirma Maurício Waldman, estudioso de afroeducação. (WALDMAN citado por Revista Escola da Abril).

¹² Minority Rights Group International (MRG) é uma organização internacional de direitos humanos fundada com o objetivo de trabalhar para garantir os direitos das minorias étnicas, nacionais, religiosas, linguísticas e dos povos indígenas ao redor do mundo. A organização foi criada em 1960 por um grupo de ativistas e acadêmicos.

O pedagogo Ivanir dos Santos¹³ acrescenta:

A educação é eugênica. Eu sou pedagogo, educador. As pessoas acham que a África não produziu nenhum conhecimento, nem tecnologia. E todo conhecimento e tecnologia criados no mundo tiveram sua origem na África. É engraçado né? As pessoas se apropriaram e estudam a partir da Grécia. Quando não muito, o Egito. A mesma coisa se os negros viessem só pra serem escravos para mineração e agricultura. E a educação tem isso né. Ela enaltece a origem eurocêntrica e abaixa a autoestima das crianças negras ou dos descendentes.

No Brasil, a antropóloga Rosiane Rodrigues explica que o racismo social é de “marca”, ou seja, quanto mais escura a pele, mais a pessoa sofre racismo e discriminação, diferentemente dos Estados Unidos da América e da África do Sul, onde o racismo é de origem, ou seja, se você é negro até a oitava geração. Antes, as religiões eram claramente delimitadas racialmente. As afro-brasileiras eram de negros, as cristãs de brancos, budista de amarelos (asiáticos) etc. Hoje, percebe-se uma maior diversidade étnica nas doutrinas, como explica Rosiane:

Tem outro dado interessante: a maioria dos neopentecostais é de negros. Não precisa ser um PhD em estatística para você observar que os seguidores das igrejas neopentecostais são maioria de negros. Enquanto que o candomblé e a umbanda, no Rio de Janeiro, se você vai aos terreiros, você vai observar que, existem os negros? Sim! Mas, você tem, hoje, uma grande variedade de cores dentro dos terreiros. Você tem gente loira do olho azul, com a pele mais clara, enfim, você tem uma grande tonalidade. No Rio de Janeiro tem uma mãe de santo francesa, a Gisele Cossard, uma socióloga da Sorbonne, que foi iniciada pra orixá e hoje tem seu terreiro em Santa Cruz da Serra e sofre discriminação.

Loira do olho azul, Gisele Cossard nasceu em uma família francesa e católica e se mudou para a África com seu marido, onde morou por 8 anos e teve contato com a cultura do continente. Na década de 70, separou-se do marido e conheceu Pierre Verger, fotógrafo francês e pesquisador do candomblé da Bahia. Gisele voltou ao Rio e teve como guia o pai de santo baiano Balbino Daniel de Paula, apresentado por Verger. Com o passar do tempo, sem contar aos familiares, ela frequentou festas de candomblé em Caxias e na festa de Iansã (divindade da religião) desmaiou e, em seguida, fez sua iniciação. Conforme o tempo passou, Balbino a convenceu de abrir um terreiro em Santa Cruz da Serra e hoje já perdeu a conta de quantos filhos de santo tem.

O pedagogo Ivanir dos Santos corrobora essa mistura étnica e afirma que o racismo também atinge o branco quando eles fazem uso de acessórios/artigos religiosos que remetem à origem das religiões afro-brasileiras.

Na verdade, quando você tem a cultura, o costume e a espiritualidade fazendo parte da identidade de um ser humano em uma sociedade que não é assim, obviamente um dos aspectos da perseguição e o preconceito que se tem com matrizes africanas é a questão

¹³ Entrevista à autora deste trabalho em 29 de janeiro de 2015.

racial, porque vem de negros. E um detalhe importante no Brasil, ultimamente, com esse trabalho que estamos fazendo, é o único momento que alguns brancos sentem o que é preconceito e discriminação, quando usam fio de conta e branco. Aí ele é macumbeiro, então é tratado de forma preconceituosa. [...] Seja em qualquer outra religião, tudo aquilo que está fora do padrão estabelecido é rechaçado.

1.4. O perfil religioso no Brasil

O Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que desde o primeiro recenseamento até a década de 1970, o perfil religioso do Brasil manteve a hegemonia da filiação à Igreja Católica Apostólica Romana, que pode ser explicada devido à colonização do país e por ter sido a religião oficial do Estado até a Constituição de 1891. As demais religiões apresentavam, na época, um contingente ainda muito inexpressivo de adeptos.

Entretanto, em quase um século, a quantidade de católicos diminuiu aproximadamente 7,9%, enquanto a de evangélicos subiu 5,2% até o censo de 1970. Nos recenseamentos seguintes, os católicos declarados continuaram caindo, mas ainda se mantinham hegemônicos, totalizando 89% da população. O cenário religioso mudou rapidamente, segundo o censo de 1991, no qual mostra um aumento significativo de evangélicos e o declínio dos católicos para 83%, ainda majoritários. Os dados censitários de 2010 indicaram uma maior diversidade religiosa e também um aumento percentual de pessoas sem religião.

De acordo com o IBGE as cinco maiores religiões no Brasil são Católica, Evangélica, Espírita, Umbanda e Candomblé. Essas duas últimas foram colocadas num mesmo nível/patamar como se fossem “iguais”. Embora ambas sejam de matriz africana, possuem suas diferenças. Curioso quando nos deparamos com a Católica e a Evangélica em “patamares” diferentes visto que ambas são cristãs e também diferem em determinadas questões.

1.5. O rádio como veículo expressivo e educativo

O rádio possui algumas características que o fazem bastante eficaz na comunicação como a simultaneidade e a rapidez. Além disso, ele é um meio quase universal, visto que tem “a capacidade de ser entendido por um *público muito diversificado*, por não exigir um conhecimento especializado para a decodificação e a recepção nas condições mais

diversas” (PRADO, 1989, p.18). E o ouvinte pode fazer outras tarefas enquanto ouve a programação. O rádio possui uma estrutura mais simples de produção e transmite rapidamente os acontecimentos.

Neste caso é relevante para quem não sabe ler e adquire mais importância, sobretudo, para todos aqueles que não querem ou não têm tempo para ler. “Assim, o rádio tem um papel informativo relevante nas sociedades subdesenvolvidas, com uma porcentagem elevada de analfabetos.” (PRADO, 1989, p. 28)

A combinação dos elementos expressivos do rádio como a palavra, a música, o silêncio e os efeitos especiais aumenta as possibilidades expressivas e comunicativas do meio. Eles, os elementos expressivos, possibilitam uma maior percepção por parte do ouvinte, ajudando-o a produzir as imagens auditivas.

O veículo da emoção e da sedução, só vai estimular os sentimentos, causar envolvimento, atrair e chamar a atenção dos ouvintes para que eles “visualizem”, imaginem o acontecimento, se trouxer em seu discurso uma harmonia sonora composta pela plenitude de elementos de sua linguagem. (BAUMWORCEL, 2005, p.4)

Por outro lado, como lembra Baumworcel (2015, p.8), o rádio, historicamente, contribuiu para processos de conscientização e mudança de atitudes, apesar de nem sempre estes processos serem voltados para uma prática educativa libertadora.

Segunda a autora, conscientização é um conceito estruturante da prática de educação libertadora, proposta por Paulo Freire. É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos. O comprometimento implica não apenas a consciência da realidade, mas também o engajamento na luta para transformá-la.

Baumworcel (idem, p.9) ressalta que são as características do rádio utilizadas em determinadas circunstâncias que podem propiciar a possibilidade desse veículo contribuir para conscientizar e mudar mentalidades e atitudes. São as peculiaridades de ter grande poder de sugestão, de usar uma comunicação afetiva, de produzir empatia e relação de identificação que possibilitam a essa mídia seduzir, envolver e, em alguns casos, conscientizar e mobilizar o receptor para determinada ação. A autora acrescenta que é nessa tensão entre a necessidade de ampliar e manter a audiência, conhecendo e representando de alguma forma seus interesses, e, ao mesmo tempo, representando os interesses mercantis e ideológicos dos “donos do microfone”, que se situa esse meio. Um meio que, também, amplia suas possibilidades pelo avanço tecnológico.

Parto da hipótese de que a mídia sonora, na sociedade contemporânea, ocupa um lugar na educação dos sujeitos no sentido amplo, que vai além da circulação de saberes específicos; influencia a formação de mentalidades, de hábitos, de atitudes, de identidades, afetando a constituição de valores, conhecimentos e referências culturais. [...] Defendo que nem sempre os meios só fazem comunicados às massas, manipulando-as, pois o discurso hegemônico construído na e pela mídia não é totalmente homogêneo. O poder não é absoluto, apesar de avassalador. [...] Considero que os meios trazem, também, outros discursos e podem representar possibilidades de socializações, acesso à informação e construção de novos conhecimentos. Destaco como necessário compreender suas ambiguidades e contradições. [...] Afinal, a transmissão de informações e de valores para a promoção do desenvolvimento humano também pode vir a estimular o pensamento crítico. Depende de como e do que é dito. E quanto mais polissêmica for esta mídia sonora, maior será sua contribuição social, educativa e cultural. Como defende Kaplún, o fundamental é que a mensagem seja geradora de diálogo e contribua para ativar a análise, a discussão e a participação dos ouvintes. (BAUMWORCEL, 2015, p.10-14)

Dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) mostram que o rádio está presente em 88,1% dos domicílios do país. Até 2013 eram, aproximadamente, 9,4 mil emissoras de rádio em funcionamento, incluindo emissoras comerciais AM e FM e rádios comunitárias.

O número de aparelhos de rádio convencionais passa de 200 milhões no Brasil, além de 23,9 milhões de receptores em automóveis e do acesso por aparelhos celulares, que somam cerca de 90 milhões. Isso sem falar no acesso às emissoras pela internet, por meio de computadores e *smartphones*. Aproximadamente 80% das emissoras do país já transmitem sua programação pela rede mundial de computadores. (Site EBC)

Espalhadas por todo o Brasil, segundo dados do site *radios.com.br*, até hoje foram identificadas 507 rádios católicas, 195 evangélicas e 60 espíritas, divididas entre kardecistas e de matrizes africanas, na mesma categoria. Com o fim da ditadura, algumas mudanças influenciaram na expansão da fé cristã na mídia, ao passo que este grupo social se inseriu politicamente de forma mais visível com a ajuda da aquisição de concessões. O “boom” das emissoras de rádio e TV religiosas, especificamente evangélicas, no Brasil, deu-se no governo do presidente José Sarney, o qual se utilizava dos critérios de “amizade” para conceder e distribuir canais de TV e Rádio. Ele promulgou a Constituição de 1988 e outorgou mais de mil concessões.

A pergunta que fica é: Qual tem sido o papel dessas emissoras religiosas? Elas estariam contribuindo para reduzir ou reforçar o preconceito religioso no Brasil?¹⁴

¹⁴ Essa pergunta não foi respondida ao longo deste memorial por não ser o foco deste trabalho. De qualquer forma ela não poderia deixar de ser feita e, quem sabe, fica como estímulo para uma pesquisa de mestrado, futuramente.

2. PROCESSO DE PRODUÇÃO

2.1. Entrevistas

O método de entrevista em profundidade foi utilizado com especialistas e demais envolvidos no assunto. Houve uma preocupação com a qualidade técnica, sempre mantendo o cuidado para oferecer um material sonoro de qualidade, evitando ruídos a fim de não comprometer o entendimento do conteúdo que as fontes passam para o ouvinte.

Uma gravação deve ser entendida claramente na primeira vez em que é ouvida. Se tiver de gastar dois ou três segundos tentando entender o que está sendo dito, você falhou. Então é muito melhor que sua notícia chegue ao ouvinte na forma de um texto, do que transmiti-la por meio de uma sonora de baixa qualidade e de difícil compreensão. (CHANTLER; HARRIS. 1998, p.96)

Antes das entrevistas, houve um momento de conversa com as fontes para testar a dicção e fluidez dos pensamentos do entrevistado, além de descontrair e deixa-los à vontade com o fato de estarem sendo gravados. As gravações foram feitas em locais reservados, com o gravador na mão e muito próximo à boca dos entrevistados, conforme as regras de reportagem radiofônica. Exceto a gravação da psicoterapeuta Anna Elizabeth Branquinho, que foi feita numa Praça em Botafogo por um imprevisto de última hora. No entanto, teve-se o cuidado para que o ambiente não interferisse tanto na qualidade sonora, fazendo pequenos testes, esperando o trânsito parar e colocando o gravador bem próximo à boca da entrevistada.

2.2. Entrevistados

Rosiane Rodrigues foi escolhida como fonte pelo fato de ser uma antropóloga cujas pesquisas dizem respeito ao tema deste projeto experimental, além de ser membro do Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas (NUFEP); do Instituto de Estudos Comparados em Administração Institucional de Conflitos (INEAC) pela UFF e especialista em relações etnicorraciais. Ela enriqueceu a reportagem ao contextualizar o tema historicamente, visto que, muitas vezes, ao ouvirmos uma notícia não paramos para refletir que a intolerância religiosa está inserida no Brasil desde sua “descoberta” pelos portugueses. De modo geral, ela apontou as causas e consequências da intolerância religiosa, do preconceito e da discriminação.

Anna Branquinho, outra entrevistada, é Psicoterapeuta especialista em PNL (Programação Neuro Linguística). Para entender as questões subjetivas, ela buscou

respostas na PNL, através da qual se pode conhecer o funcionamento neurológico e linguístico que pode acarretar no preconceito. Para ela, “quando se rotula uma pessoa preconceituosa, entende-se que esta pessoa elegeu apenas um conceito e todo o olhar dela vai em direção àquele conceito e os demais, a pessoa não consegue alcançar”.

Um fundamento da PNL trata que a realidade é diferente do mapa. Se você pega qualquer pedaço físico (mapa mesmo, como o do Brasil) e desenha esse espaço, o desenho desse espaço não é o espaço. É assim que a gente vive. A minha realidade é o desenho da minha realidade e o preconceito está muito ligado nessa história, porque o que nós entendemos, o que nós captamos através dos nossos sentidos é o que estamos vivenciando. Isso vai para dentro de mim e eu dou um significado. Mesmo quem esteja vivendo a mesma situação comigo vai dar um significado próprio. São essas questões que criam as divergências, porque quando eu sinto a realidade da minha forma, eu custo a crer que as pessoas não sentem a realidade da mesma forma (BRANQUINHO, 2015)¹⁵.

Ivanir dos Santos é pedagogo e ocupou diversos cargos, nos quais contribuiu para a visibilidade de alguns movimentos sociais, inclusive a luta contra a intolerância religiosa. Ele é um dos criadores e líderes do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP, no Rio de Janeiro e já foi indicado ao “Prêmio Internacional pela Liberdade”, concedido aos que se destacam na luta pelos Direitos Humanos. Sua entrevista foi importante para esclarecer a origem do movimento intitulado “Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa”, além de falar sobre o preconceito e o racismo, relacionando-os às religiões de matrizes africanas. Ivanir dos Santos explicou seu posicionamento sobre o ensino de religião nas escolas: “Eu acho que não (ajuda), porque é acirrado o preconceito religioso. Eu sou favorável à lei 10.639/2003, uma lei que não fala de religião, ela fala de história e de cultura, e a resistência a essa lei tem a ver justamente com isso”¹⁶.

Os demais entrevistados são pessoas que sofreram preconceito e discriminação relacionados à religião. Elas contaram suas respectivas histórias, em função de situações de negação de direitos, injustiça, ofensas e até conflito familiar. São cinco entrevistas, todas de mulheres, com idade entre 22 e 55. Maria Cristina Marques, 55 anos, é professora da rede municipal de Macaé, interior do Rio de Janeiro, e sacerdotisa de umbanda. Yasmin Pacheco, 22 anos, é formando em História na UFRJ e candomblecista. Laís Máximo, 27 anos, é professora da rede pública do estado e evangélica. Bianca Rangel 22 anos é jornalista e católica. E, por fim, a pedagoga e professora de Sociologia, 49 anos, espírita que pediu para sua identidade ser preservada, pois seu caso envolve a família.

¹⁵ Entrevista à autora deste trabalho em 7 de março de 2015.

¹⁶ Entrevista à autora deste trabalho em 29 de janeiro de 2015.

2.2.1. Tipos de entrevistas

Com base em Chantler e Harris (1998), foram utilizados três tipos de entrevistas nesse projeto experimental. O objetivo foi o de informar, interpretar os fatos e humanizar a reportagem a partir dos relatos das “vítimas”. Essas entrevistas foram utilizadas tanto como material para a elaboração do texto do locutor, quanto sonoras. E podem ser classificadas como informal, interpretativa e emocional.

A entrevista informal foi utilizada de forma que os entrevistados respondessem aos questionamentos principais da reportagem (O que, Onde, Quem, Como, Por que e Quando), além de se adotar uma estratégia para que os mesmos formulassem respostas mais completas, evitando o “sim” ou “não”.

A entrevista interpretativa também se fez necessária. Nesse modelo, o entrevistado precisa interpretar alguns fatos que já são conhecidos do público (CHANTLER; HARRIS. 1998) como o fato de as religiões afro-brasileiras serem frequentemente associadas ao “demônio”, e do preconceito considerado hegemônico. Em suma, o entrevistado traça um “quadro de probabilidades, baseado no conhecimento que ele tem de situações semelhantes já verificadas” (CHANTLER; HARRIS. 1998, p.101).

Por fim, a entrevista emocional também esteve presente no processo de produção da reportagem e foi utilizada apenas com os entrevistados que vivenciaram o tema “na pele”, contando suas histórias de situações preconceituosas e discriminatórias. Esse tipo de entrevista teve o objetivo de retratar outras opiniões, situações específicas de intolerância religiosa e o sentimento da vítima. A carga emocional do depoimento contribui para criar empatia entre o entrevistado e o ouvinte, de forma que ele tente se colocar no lugar do outro e possa assim refletir mais profundamente. Destaca-se, no entanto, que a busca por depoimentos de caráter emocional não teve o objetivo de explorar de forma sensacionalista, apelativa ou desrespeitosa os dramas pessoais dos sujeitos, como ocorre, algumas vezes, na mídia hegemônica que visa o lucro. Também foi objetivo desse trabalho valorizar o relato das pessoas de própria voz. Ninguém melhor do quem passou pelo ocorrido para contar a própria história.

Além desses três tipos de entrevistas abordados por Chantler e Harris, há mais dois formatos utilizados nesse documentário: a “entrevista diferida” e a de “informação em profundidade”. Como descrito por Emilio Prado (1989, p. 59), a entrevista diferida possibilita a montagem antes da emissão. Dessa forma é possível controlar o tempo e editar

alguns erros, além de poder inverter a ordem das respostas na hora de planejar o roteiro de gravação, conferindo uma narrativa mais linear e lógica, ou seja, é a entrevista editada com critérios jornalísticos. Já a entrevista de informação em profundidade tem um papel reflexivo no rádio informativo. “Através dela se fornece ao ouvinte, além da informação estrita, os dados adicionais que ajudarão a compreender o fato, a conhecer suas causas e efeitos e, em definitivo, a atribuir-lhes um valor pessoal” (PRADO, 1989, p. 63), ou seja, além das informações propriamente ditas, gerar uma reflexão com uma contextualização do assunto.

2.3. Escolha das músicas e efeitos sonoros

As músicas utilizadas no projeto experimental “Intolerância Religiosa no Brasil” foram selecionadas para “costurar” o texto do locutor, com a função de contextualizar os assuntos, dar ritmo e mesmo identificar as vertentes religiosas das vítimas de intolerância. Todos os recursos sonoros visam atrair o público, ajudar o ouvinte a formar as imagens acústicas e trazer um sentido estético que contribua para a comunicação da narrativa.

Os sinos e o coro grave, por exemplo, estão associados à religião católica. A instrumental lírica à espírita, o louvor “Restitui”, a evangélica e os tambores à umbanda e ao candomblé. Durante a narrativa, foram utilizadas músicas instrumentais para “construir um cenário” acústico do documentário que, em alguns momentos, pontua o discurso e, em outros, funciona como se fosse uma “cortina” no teatro para indicar outro ato ou assunto.

2.4. Apresentação do documentário no Colégio Estadual Aurelino Leal (CEAL)

Oito Horas. Era uma manhã fria de sol. Cheguei à escola e tive meu primeiro choque de realidade. De longe escuto um professor e um aluno discutindo. No calor do momento, o professor disparou um “palhaço” para o aluno, que revidou na mesma intensidade. Percebi ali, um desafio ainda maior. Como falar sobre respeito ao próximo quando isso acontece na escola? Esse episódio só me deu ainda mais incentivo para apresentar o documentário. Vi ali um terreno fértil para semear.

Depois, fui à sala de uma turma do segundo ano. Chegando lá, me apresentei ao professor de Geografia que já sabia da minha visita e me deu licença para usar o tempo de sua aula. Depois de alguns percalços para conseguir os equipamentos necessários, me

apresentei para os alunos que me ouviram com curiosidade. A turma tem em torno de 45 alunos, mas apenas um pouco mais da metade estava presente no dia. Minha orientadora, a professora Doutora Ana Baumworcel, também se apresentou brevemente para darmos início à audição do documentário.

Apertei o play. Os alunos ouviam com atenção enquanto eu observava a reação deles. A feição deles transmitia curiosidade. Em alguns momentos durante o depoimento das vítimas, as sobrancelhas franziam dando um ar de reprovação ao ato intolerante. Em outro momento, riram quando a candomblecista Yasmin Pacheco contou do que os cristãos a chamavam na rua. Talvez a risada possa ser fruto de um reconhecimento, de uma aproximação com o meio onde vivem, visto que a grande maioria da turma se declarou evangélica ou católica. Alguns também riram quando ouviram sobre o balde de água com sal grosso derramado sobre a família da espírita.

No terceiro bloco, os adolescentes mostraram uma feição de reflexão, os olhos cerraram dando a entender que surgiam dúvidas ou respostas para elas. E a comprovação veio logo após o intervalo, quando passamos o questionário e iniciamos um pequeno debate sobre o que eles ouviram e o que acharam do que foi exposto no documentário sonoro. Enquanto eu recolhia os questionários respondidos, algumas meninas se aproximaram, querendo compartilhar suas experiências, em sua maioria, em relação ao preconceito por parte dos próprios pais dentro de casa.

No rápido debate, a maioria manifestou ter gostado do documentário e ter aprendido algo sobre o assunto. Curioso, ainda, foi o silêncio durante os vinte minutos da transmissão do material sonoro, o que não é comum num turma dessa faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho experimental prático buscou-se investigar e entender um pouco sobre a intolerância religiosa no Brasil como o preconceito, os fatores que levam à intolerância, o perfil religioso do país e alguns pressupostos como, por exemplo, a eficácia (ou ineficácia) do ensino religioso nas escolas. Antes de começar a produção deste documentário e respectivo memorial, eu tinha a concepção de que o ensino religioso significaria um avanço, tanto no âmbito educacional, quanto para a sociedade. Pois, assim, desde cedo as crianças poderiam ter conhecimento e aprender a respeitar as diferenças, formando-se adultos mais conscientes, visto que o papel da escola é também formar cidadãos conscientes.

No entanto, em vista dos argumentos apresentados pelos estudiosos, pude olhar por outra perspectiva e pensar que a possível solução não seria ensinar as religiões, mas o respeito. Não há quem saiba tudo, nem por isso se deve tratar com repúdio o que se desconhece, mas se tiver respeito, prevalecerá uma vivência pacífica. O ensino religioso nas escolas é um grande desafio, uma vez que são frequentes os casos em que o profissional responsável por ensinar acaba dando ênfase a certas religiões ou doutrinas em detrimento de outras, podendo gerar perseguição dentro da própria escola como foi o caso da professora de Macaé relatada no roteiro, disponível nos anexos.

Já as hipóteses levantadas pelos especialistas que tratam a intolerância religiosa como fruto de ignorância e fruto de interesses políticos foram importantes para aprofundar o entendimento sobre o assunto, porém sem uma anular a outra. Elas coexistem. Outro pressuposto investigado foi a de que o racismo também seria uma das causas da intolerância religiosa em relação às religiões de matrizes africanas. Em virtude do que foi mencionado nas entrevistas, acredito que o racismo foi e é sim uma das causas do preconceito e da discriminação das religiões afro, mas o cenário atual passou por modificações. Hoje, o branco também sente na pele o preconceito por fazer parte dessas religiões trazidas por negros. Neste caso, caracteriza-se racismo de origem, pois a religião é de origem africana.

O objetivo proposto de levar o ouvinte a se colocar no lugar do outro para refletir foi alcançado. No momento do debate com os alunos isso pode ser percebido, por exemplo, quando, através de referências pessoais, contaram que seus amigos têm religiões distintas e não gostariam que os mesmos fossem discriminados. Os alunos demonstraram respeito à

liberdade de culto, mesmo discordando das crenças alheias. Os que, durante a audição do documentário, acharam graça de depoimentos das vítimas, no debate, tiveram um comportamento diferente e afirmaram ser contra a discriminação, provavelmente influenciados pela escuta do último bloco do documentário que traz a opinião dos estudiosos do assunto.

Em anexo, há gráficos que mostram o que os estudantes responderam ao questionário distribuído após a audição do documentário radiofônico, assim como uma cópia do próprio questionário. Esses gráficos comprovam o entendimento que os 24 jovens de 15 a 19 anos tiveram em relação ao material sonoro e a importância da experiência realizada. E a partir destes gráficos, outra conclusão que pode ser destacada é a de que através de trabalhos de conscientização, como o deste projeto experimental, por exemplo, o debate sobre a intolerância religiosa pode, quem sabe, contribuir para mudar a mentalidade dos sujeitos.

Levando-se em conta o que foi observado durante a apresentação do projeto experimental para os alunos do Colégio Aurelino Leal e o que percebi em mim mesma durante a produção, pode-se dizer que o objetivo de mudar mentalidades e incentivar o pensamento crítico certamente foi alcançado. Com o resultado do questionário respondido pelos alunos, pode-se constatar que a maioria entendeu o que é preconceito, que as pessoas são livres para seguirem o que elas quiserem e, principalmente, a importância do respeito como solução para a intolerância. Também houve interesse deles em debater o assunto e expor suas opiniões, sendo o diálogo um passo fundamental na mudança de mentalidades e na construção do senso crítico.

Ainda que este documentário sonoro tenha pouco alcance futuramente, ele cumpriu sua maior missão, a de fazer a própria autora de este trabalho refletir sobre os seus próprios preconceitos que estavam adormecidos ou talvez inconscientes. Mesmo tendo aprendido o respeito ao próximo e a pensar criticamente, não estava isenta deles. Como disse Mahatma Gandhi: “Você deve ser a mudança que quer para o mundo”. Antes de querer mudar o mundo, o ser humano deve mudar a si mesmo.

Por essa razão que o conhecimento mais importante é o autoconhecimento. A partir dele, começa-se a perceber quais são as premissas e os preconceitos que o guiaram em outras situações e que deve trabalhar para corrigir.

BIBLIOGRAFIA

BAUMWORCEL, Ana. **Reflexão sobre o uso educativo do rádio no Brasil**. In: Anais do 10º Encontro Nacional da História da Mídia. Porto Alegre: 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar2015>>. Acesso em: 11 jun. 2015

_____. **Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio**. In: Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0837-1.pdf>. Acessado em: 30 de maio de 2015.

CARDOSO, C. M. **Tolerância e seus limites: um olhar latino- americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CHANTLER; HARRIS. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

Constituição de 1988. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CRAIDE, Sabrina. **Rádio está presente em 88% das residências e número de emissoras dobra em 10 anos**. In: *EBC*. Disponível em:

<<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-02-13/radio-esta-presente-em-88-das-residencias-e-numero-de-emissoras-dobra-em-10-anos>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

Decreto 119-A. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm>. Acesso em: 1 maio. 2015.

DOS SANTOS, Ivanir. **Perfil**. Disponível em: <<http://ceaprij.org.br/trajetorias-e-lutas/ivanir-dos-santos/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FONTELES, H. **A ascensão da mídia evangélica – uma (mútua) interferência política, econômica e tecnológica**. Artigo em PDF disponível em:

<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20ascensao%20da%20midia%20evangelica%202013%20uma%20mutua-%20interferencia%20politica.pdf>

Gráfico interativo com tema **Censo: o perfil religioso do Brasil**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>>. Acesso em: 11 maio. 2015.

GRUPPI, Luciano. Os cadernos do cárcere. In: **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998, p. 65-82.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz Terra, 2008.

JusBrasil,. **Lei Contra a Intolerância Religiosa**. Disponível em: <-
<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/94132/lei-contr-a-intolerancia-religiosa-lei-11635-07>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

KONDER, Leandro. **Gramsci e o Brasil**. Artigo publicado em:
<<http://www.acesa.com/gramsci/?id=298&page=visualizar>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

Livro sobre lendas da Umbanda gera polêmica em escola no Rio. In: *Terra*.
Reportagem disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/livro-sobre-lendas-da-umbanda-gera-polemica-em-escola-no-rio.891937dabd9ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

LOBO, Thiago. **O papel social do jornalista**. In: *Observatório da Imprensa*. Disponível em:
<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo>. Acesso em: 3 abr. 2015.

MELITO, Leandro. **Sarney deixa a política após 60 anos: confira momentos da carreira do ex-presidente**. In: *EBC*. Disponível em:
<<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/01/sarney-deixa-politica-apos-60-anos-confira-momentos-da-carreira-do-ex>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

MONKEN, Mario. **Intolerância: Tráfico é acusado de vetar umbanda no Rio**. In: *Folha de São Paulo*. Reportagem disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0402200614.htm#_>. Acesso em: 24 abr. 2015.

MORAES, Dênis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**, in Revista Debates – dossiê comunicação e política, v. 4, no 1. Porto Alegre: SEER/UFRGS, primeiro semestre de 2010, p. 54-77.

MUNANGA, Kabengele. **Racismo: da desigualdade à intolerância**, in: São Paulo em Perspectiva. São Paulo: abril-junho, 1990, p.51-54. Acessado em: 30 abr. 2015. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v04n02/v04n02_09.pdf>

NASCIMENTO, Heverton. **Por que os africanos foram escravizados no Brasil?**. In: *Revista Escola*. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/africanos-foram-escravizados-brasil-646493.shtml>>. Acesso em: 9 abr. 2015.

O Globo,. **Frases do escritor português José Saramago**. In: *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/frases-do-escritor-portugues-jose-saramago-2992042>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

Obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas provoca polêmica. In: *Globo Educação*. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

OLIVEIRA, A de. **Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais**. Rev. do Prog. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. 1, p. 239-264, 2015.

Papa cita racismo e intolerância religiosa como "cruzes" do mundo, e lembra vítimas da Kiss. In: *Site Uol*. Reportagem disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/26/papa-cita-racismo-intolerancia-religiosa-e-vitimas-da-violencia-como-cruzes-que-mundo-atual-carrega.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

ROUSSEAU, J. **O contrato social**. 2. ed. São Paulo: Escala, 2015. p. 219.

SANTOS, Ivanir dos. **CEAP RJ**. Disponível em: <<http://ceapRJ.org.br/trajetorias-e-lutas/ivanir-dos-santos/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

Senado Federal - Jornal do Senado. **Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade**. Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

Universal responde ataque de deputado federal. In: *universal.org*. Reportagem disponível em: <<http://www.universal.org/noticia/2015/03/03/universal-responde-ataque-de-deputado-federal-32349.html>>. Acesso em: 27 de maio de 2015.

ANEXOS

CÓPIA DO QUESTIONÁRIO EM BRANCO APLICADO NO COLÉGIO AURELINO LEAL

Este questionário faz parte do documentário sonoro *Intolerância Religiosa no Brasil, de cunho educativo*, que conta a história de cinco pessoas adeptas de cinco religiões diferentes, que sofreram intolerância. Além de explicar, na visão de estudiosos, as causas de atitudes ofensivas em relação à crença ou não crença religiosa. A pesquisa e o documentário foram feitos como trabalho de conclusão do curso de jornalismo pela aluna Jackeline Granadeiro Chagas, sob coordenação da professora Ana Baumworcel para a disciplina Projeto Experimental em Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Peço a sua colaboração para responder as questões abaixo e, desde já, agradeço por sua participação.

1. Idade: _____
2. Cor/Raça:
 - () Branca
 - () Preta/Parda
 - () Amarela
 - () Indígena
 - () não informado
3. Religião: _____ () não informado
4. Bairro onde mora: _____ () não informado
5. Você ouve rádio?
 - () Não
 - () Sim, várias horas por dia
 - () Sim, poucas horas
 - () Sim, ocasionalmente
6. Escuta rádio? () AM () FM () Podcasts () Webradio
7. Quais emissoras de rádio você ouve?
 - () Nativa FM () Mix FM () FM O Dia () JB () Globo
 - () MPB FM () Transamérica () CBN () Bandnews () Rádio Cidade () Outras. Quais _____

8. Em que suporte você ouve rádio?

- rádio convencional rádio a pilha Celular Computador
 Ipod MP3/MP4 Smartphone rádio no carro

9. Onde escuta (em casa, na escola, no trânsito)?

10. O que escuta? (Cite o nome de três programas que mais costuma ouvir, o horário e a emissora).

11. Você usa internet? Sim Não

Ouve rádio pela internet? Sim Não

12. Você participa ou já participou de uma rádio comunitária, escolar ou webrádio?

Qual? _____

13. Você gostaria de ter uma rádio na sua escola?

Sim Não

14. Se você pudesse criar um programa de rádio, qual seria o tema?

15. O que é Preconceito?

16. Já foi ofendido ou discriminado por causa da sua crença religiosa?

17. O documentário te ajudou de alguma forma?

Sim

Não

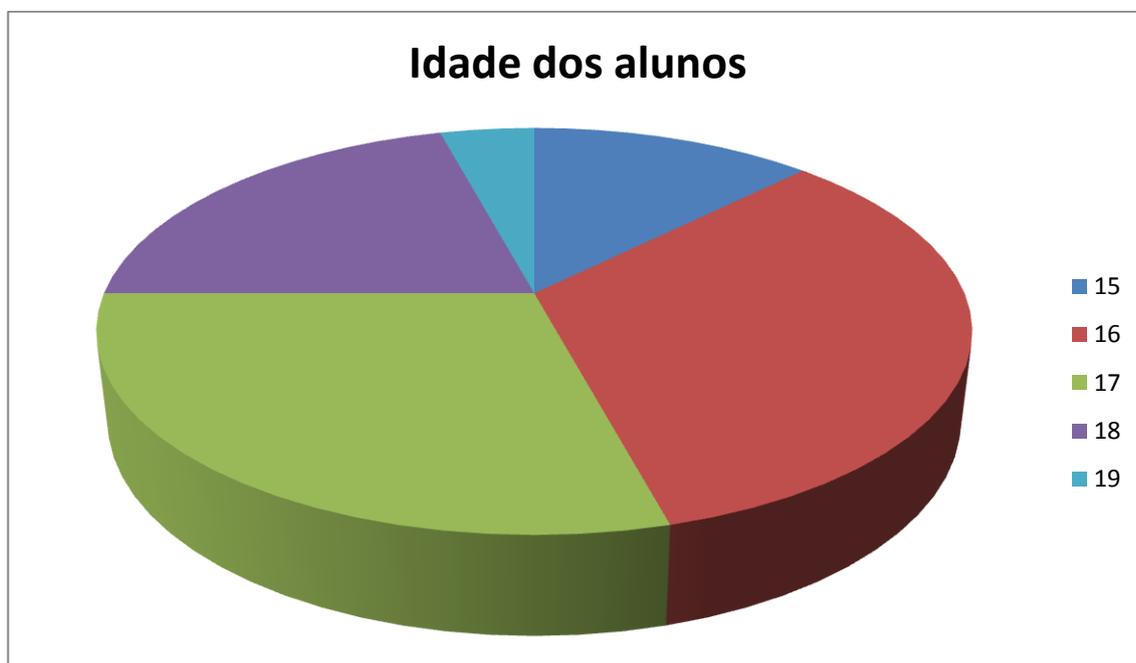
Se sim, como?

18. O que você gostaria de saber sobre o tema “Intolerância Religiosa”?

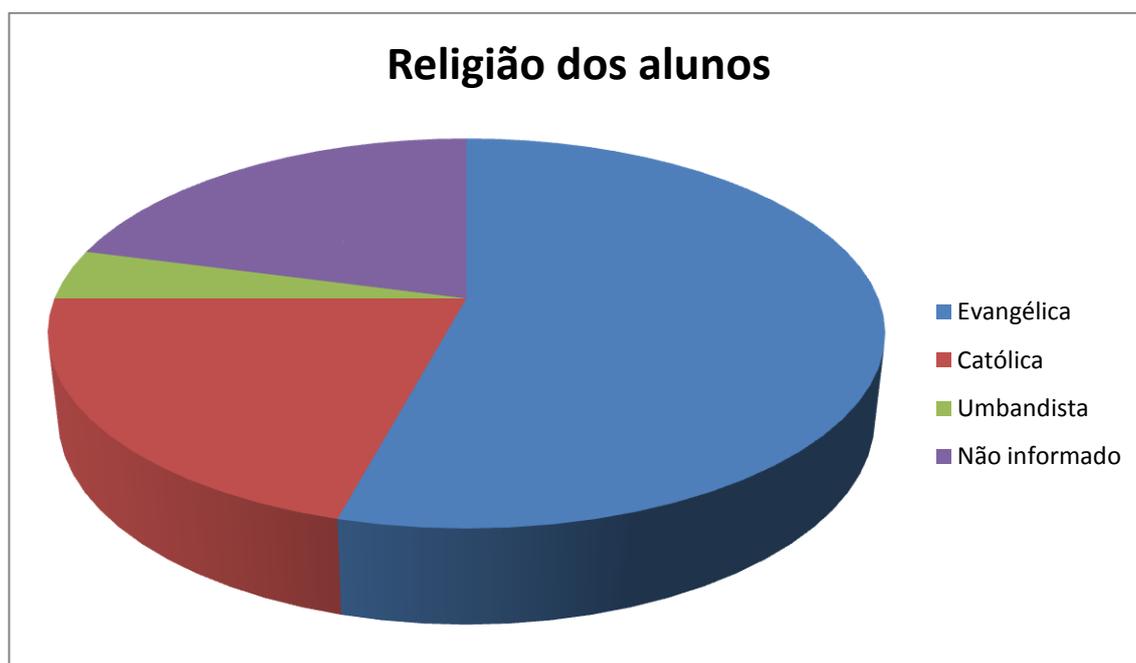
19. Telefone para contato:

20. Endereço eletrônico:

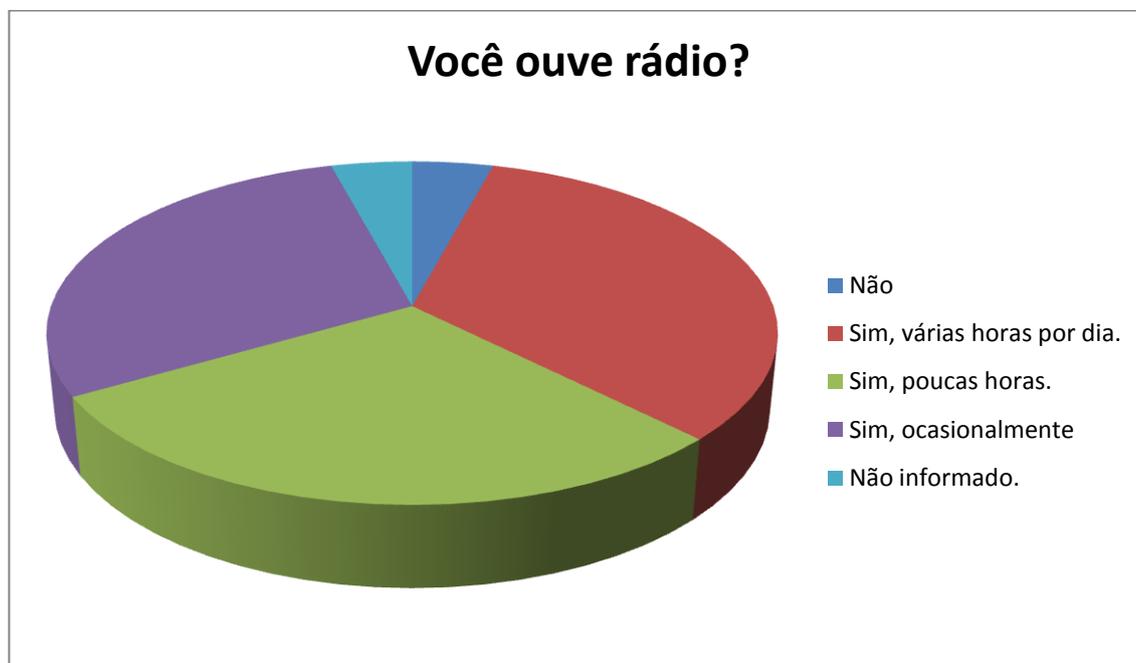
RESULTADO DO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS ALUNOS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL AURELINO LEAL (CEAL) DE NITERÓI, NO DIA 26 DE JUNHO DE 2015.



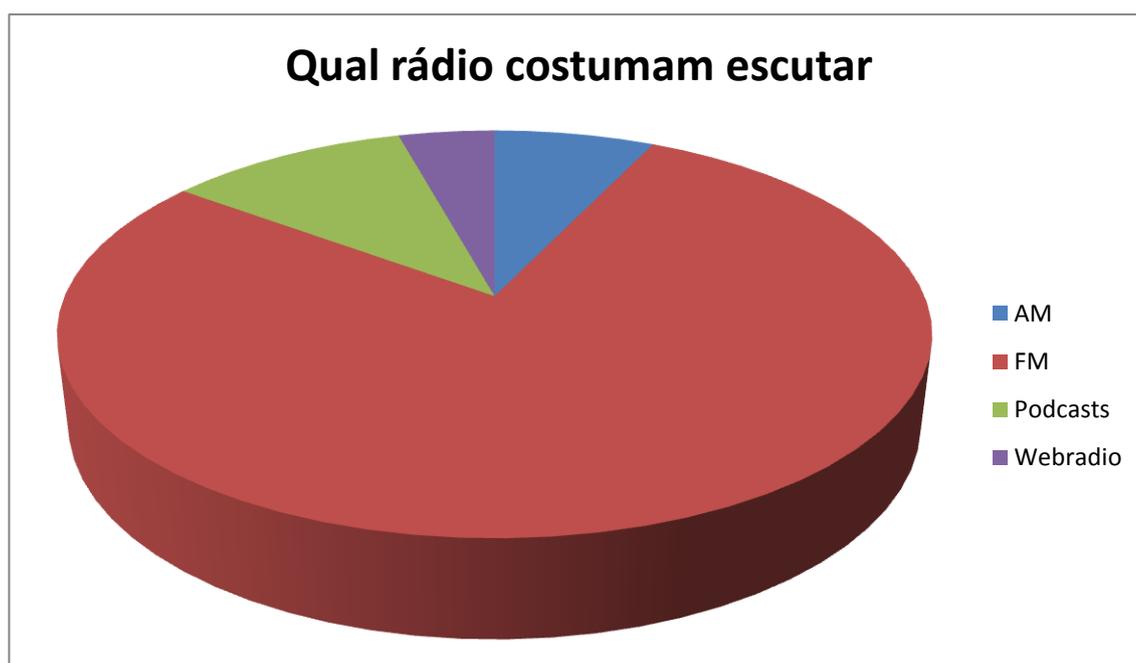
No total, 24 alunos assistiram e responderam o questionário sobre o documentário “Intolerância Religiosa no Brasil”. Dentre eles, três têm 15 anos, oito têm 16 anos, sete têm 17 anos, cinco têm 18 anos e um tem 19 anos.



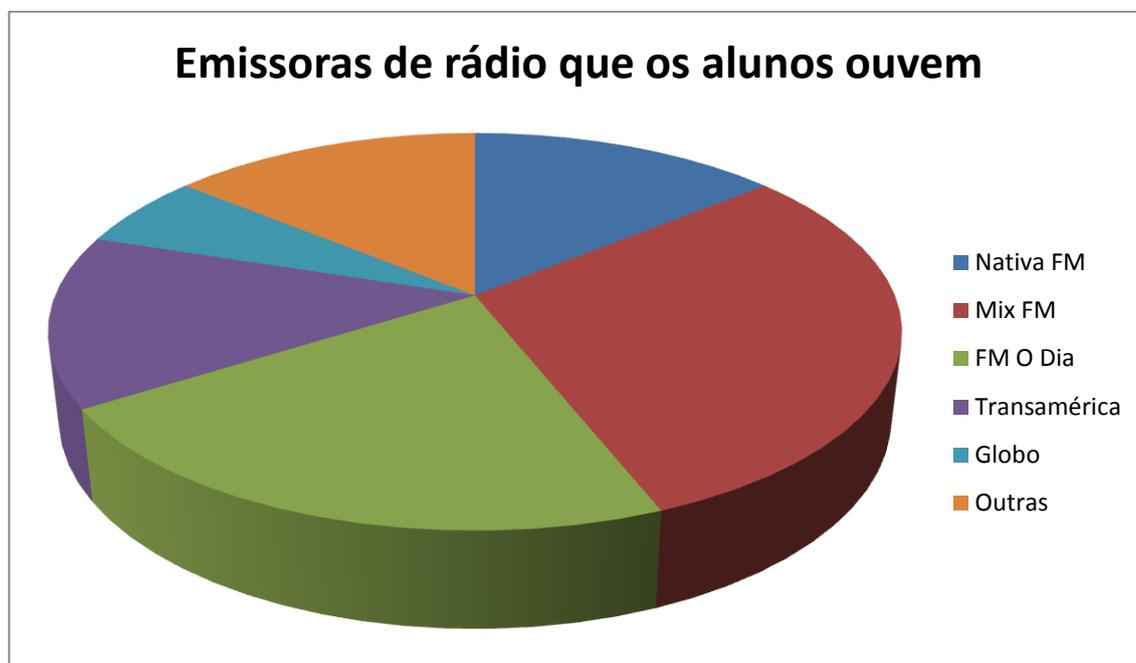
Uma das perguntas era sobre a doutrina espiritual que seguiam. Treze alunos se declararam evangélicos, cinco católicos, uma umbandista, e cinco não informaram.



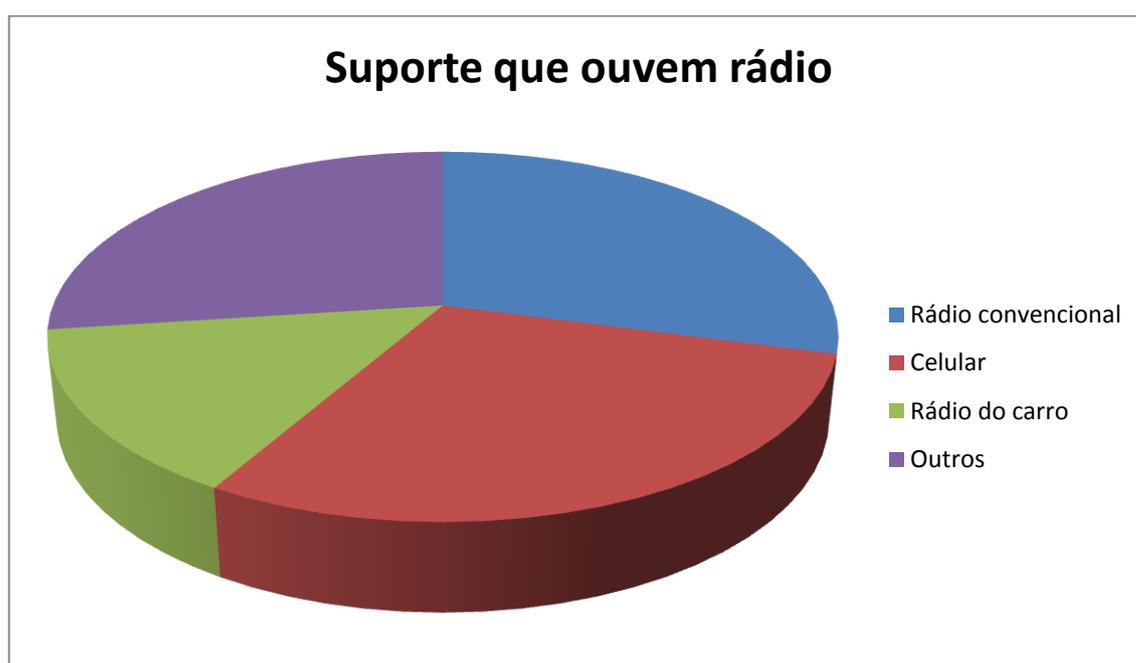
Questionados se ouviam rádio, uma pessoa respondeu que não, oito ouvem várias horas por dia, sete ouvem poucas horas, sete ouvem ocasionalmente e uma pessoa não informou.



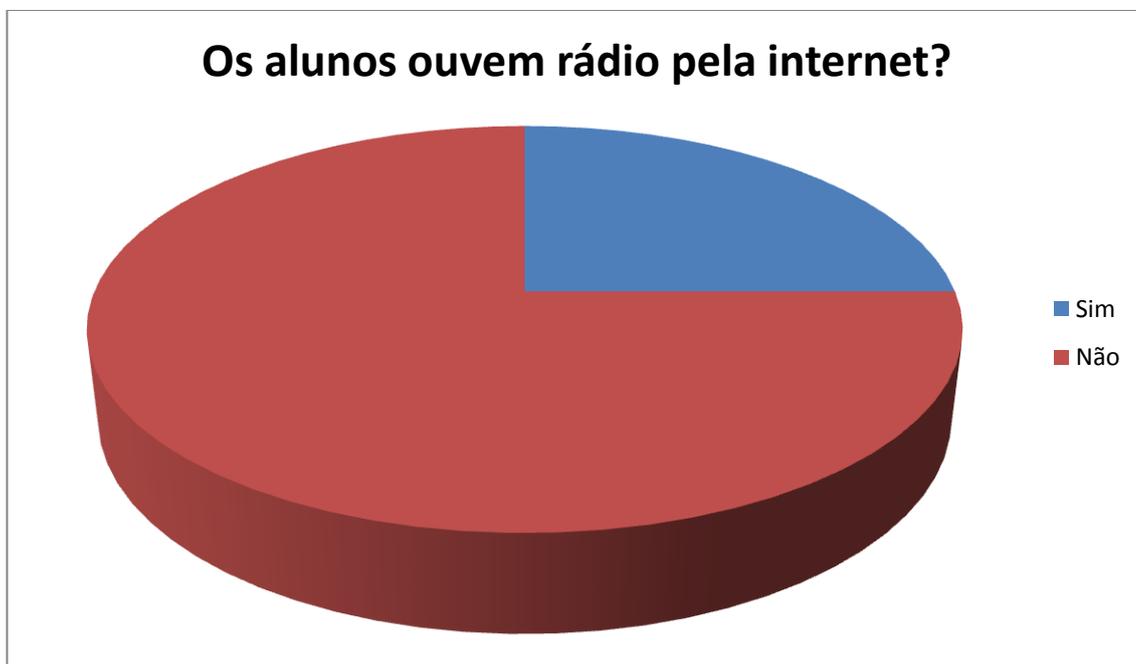
Nessa pergunta, os alunos poderiam marcar mais de uma opção. Dois deles afirmaram ouvir rádio AM, vinte e dois ouvem FM, três ouvem podcasts e um ouve webrádio.



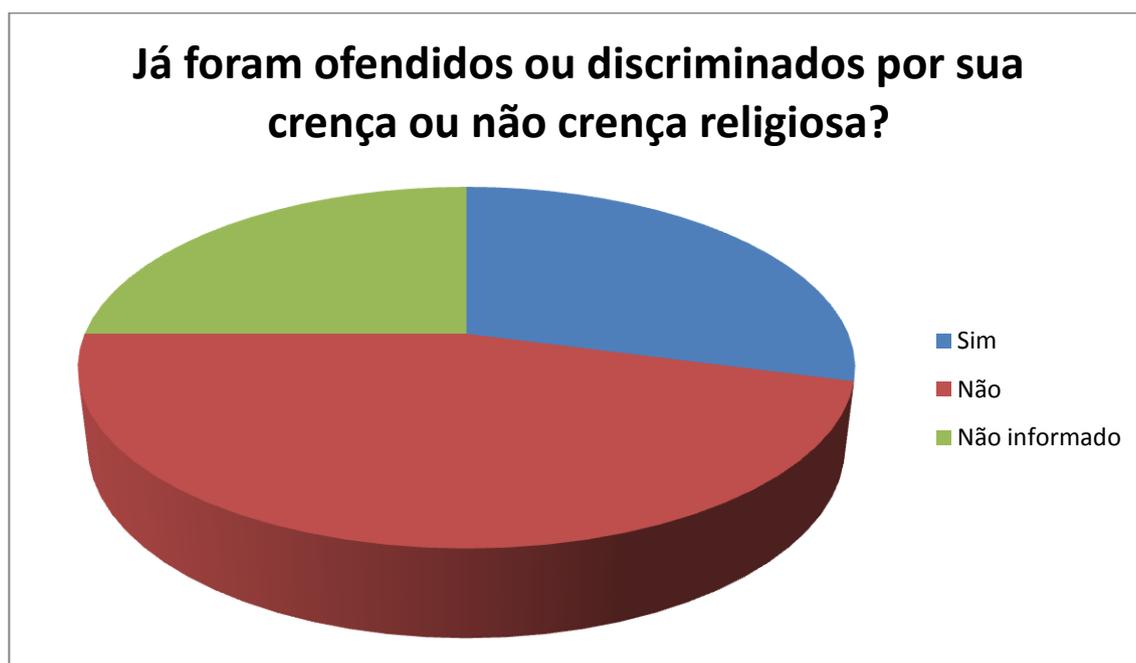
Os alunos também tiveram a oportunidade de responder mais de uma opção nessa pergunta. 30% ouve Mix FM, 22% ouve FM O Dia, 14% ouve Transamérica, 6% ouve Globo, 14% ouve Nativa FM e 14% outras rádios. Entre as outras rádios, a mais citada foi a Rádio Melodia, que é uma rádio evangélica.



Os alunos do 2º ano do ensino médio do Colégio Aurelino Leal costumam ouvir rádio através do rádio convencional (14 votos), celular (14) e do rádio do carro (7). Nas opções “Outras” agrupam-se suportes como computador, ipod, smartphone, mp3 e rádio a pilha, que somados dão 13 votos.



Todos os alunos afirmaram ter acesso à internet, mas apenas 25% ouvem rádio online.



Sete alunos alegaram ter sofrido algum tipo de discriminação ou ofensa em relação à sua crença religiosa. Seis alunos não informaram e onze disseram não ter sofrido intolerância religiosa.



68% dos alunos afirmaram que o documentário os ajudou de alguma forma. 26% disseram que não ajudou. Entre as respostas dos que foram ajudados, destacam-se as seguintes:

- “Me ajudou a entender mais ainda que as pessoas creem no que bem quiserem”
- “Ajudou na forma de pensar e debater”
- “Muitas vezes na escola, no meu meio social, me chamam de macumbeira, falando que adoro o demônio, entre outros”
- “Ajudou a ampliar meus conhecimentos sobre o assunto”
- “A respeitar as diferenças religiosas e que se algumas pessoas seguem ritos/modelos diferentes, não quer dizer que ela esteja errada”
- “A saber refletir e dialogar sobre o assunto”



93% dos alunos entenderam quando o documentário desmistificou o preconceito, uma das propostas do projeto experimental “Intolerância Religiosa no Brasil”. Entenderam que a mensagem de que o preconceito é algo que devemos evitar, mas que não vai levar necessariamente a pessoa a discriminar outra pessoa por sua etnia, religião, etc.

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO SONORO “INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL”

[VINHETA] “INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL”

[SOBE SOM – CAI BG] MÚSICA INSTRUMENTAL

[LOC] A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA AINDA É UM PROBLEMA NO BRASIL.

[LOC] QUANTAS PESSOAS JÁ NÃO FORAM OFENDIDAS? QUANTAS PERDERAM SEU EMPREGO, TIVERAM SEU TEMPLO DESTRUÍDO E SEUS DIREITOS NEGADOS? NESTE PROGRAMA, VOCÊ VAI SABER UM POUCO MAIS SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO PAÍS E VAI CONHECER CINCO PESSOAS ADEPTAS DE CINCO RELIGIÕES DIFERENTES, QUE CONTAM COMO SUAS CRENÇAS FORAM MOTIVO DE BRIGA EM FAMÍLIA, PIADA E NEGAÇÃO DE DIREITOS.

[SOBE SOM – CAI BG] MÚSICA AFRICANA

[LOC] AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS SÃO OS PRINCIPAIS ALVOS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL. O MOTIVO VEM DO PROCESSO HISTÓRICO DE COLONIZAÇÃO DO PAÍS, QUE DESVALORIZAVA O NEGRO, INCLUSIVE SUAS CRENÇAS E RITUAIS.

[LOC] UM EXEMPLO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA OCORREU EM JUNHO DE 2015, QUANDO UMA MENINA DE 11 ANOS FOI APEDREJADA NA RUA POR UM GRUPO DE EVANGÉLICOS, AO SEGUIR COM PARENTES PARA UM CENTRO DE CANDOMBLÉ NA VILA DA PENHA, NO RIO DE JANEIRO. OUTRO EXEMPLO É O DE MARIA CRISTINA MARQUES QUE TEM 55 ANOS, É PROFESSORA DE PORTUGUÊS DO MUNICÍPIO E SACERDOTISA DE UMBANDA. O CASO DELA ACONTECEU NUMA ESCOLA EM MACAÉ, NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

[SONORA: MARIA CRISTINA] “TUDO COMEÇOU QUANDO A PREFEITURA DE MACAÉ OFERECIU AOS PROFESSORES A CAPACITAÇÃO NA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639 E EU FUI FAZER ESSA CAPACITAÇÃO DADA PELA PREFEITURA. E AÍ, EU FIQUEI OBSERVANDO DURANTE A TRAJETÓRIA DAS MINHAS AULAS O QUE EU IRIA FAZER. DE REPENTE, UM ALUNO PEGA UM LIVRO E ME MOSTRA.

_PROFESSORA, OLHA O QUE EU ACHEI NA BIBLIOTECA, ESTOU LENDO (“LENDAS DE EXU”).

ANALISEI A OBRA, VI QUE SE TRATAVA DE ESTÓRIAS DA MITOLOGIA AFRICANA SEM CUNHO DEMONÍACO DE EXU. SE ESTAVA NUMA BIBLIOTECA É PORQUE ESTAVA AUTORIZADO, PEGUEI E FUI TRABALHAR NAS MINHAS AULAS E, DE REPENTE, A DIRETORA MANDA ME CHAMAR. FUI À SALA DELA E FALOU PRA MIM QUE EU TINHA QUE PARAR COM A OBRA PORQUE EU NÃO IRIA COLOCAR RELIGIÃO DENTRO DE SALA DE AULA. EU FALEI QUE NÃO IA PARAR, PORQUE EU NÃO TROUXE O LIVRO DE CASA.

NÃO PAREI, FUI PRA CCIR (COMISSÃO DE COMBATE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA), NA ÉPOCA FIZERAM UMA REPORTAGEM NO JORNAL EXTRA, ELA (DIRETORA) FICOU MUITO CHATEADA COM ISSO, PELA REPORTAGEM TER SAÍDO. POSTOU UM PROVÉRBIO BÍBLICO NO MURAL DA ESCOLA COM A REPORTAGEM DO LADO DIZENDO QUE EU ERA MENTIROSA, ME EXPÔS, UM ASSÉDIO MORAL COMIGO DENTRO DA ESCOLA. E AÍ EU TIVE QUE SAIR DA ESCOLA. UMA COISA QUE EU GOSTARIA DE RESSALTAR É QUE EU TRABALHEI NESSA ESCOLA DURANTE SETE ANOS E NÃO VI UM MURAL EM RELAÇÃO AO TEMA RACISMO, PRECONCEITO, EU NÃO VI UM MURAL, NUMA ESCOLA DE NEGROS, DIRETORES NEGROS, NUNCA DEFENDERAM A NEGRITUDE E NUNCA IMPLEMENTARAM A LEI. EU FUI ACUSADA INJUSTAMENTE E NADA SE FEZ. EU ME SENTI ENFORCADA NA ÉPOCA, PORQUE O QUE EU SOFRI EU NÃO GOSTARIA QUE NINGUÉM SOFRESSE.

[SOBE SOM – CAI BG] MÚSICA CATÓLICA

[LOC] O BRASIL É A NAÇÃO COM MAIOR NÚMERO DE CATÓLICOS NO MUNDO, SEGUNDO DADOS OFICIAIS DO VATICANO. AINDA ASSIM, O PRECONCEITO FAZ PARTE DO DIA A DIA DE QUEM SEGUE ESTA RELIGIÃO. BIANCA RANGEL TEM 21 ANOS, É RECÉM-FORMADA EM JORNALISMO NA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE E CONTA QUE FOI ALVO DE PIADA DOS PRÓPRIOS COLEGAS DE TURMA.

[SONORA: BIANCA RANGEL] – “EU VIM DE FAMÍLIA CATÓLICA. LOGO NA MINHA PRIMEIRA SEMANA DE AULA, EU DISSE QUE ERA CATÓLICA, QUE ACREDITAVA EM DEUS, ENFIM, EU OUVI ALGUMAS RISADAS E A PRÓPRIA

PROFESSORA, NUM TOM DEBOCHADO, ME QUESTIONOU SOBRE ACREDITAR EM DEUS E SOBRE SER CATÓLICA. EU OUVI RISADAS E AS PESSOAS NÃO ENTENDERAM O PORQUÊ DE EU ESTAR NUMA UNIVERSIDADE, CURSANDO JORNALISMO E SENDO CATÓLICA, COMO SE ISSO ME LIMITASSE, COMO SE EU NÃO TRABALHASSE O MEU SENSO CRÍTICO. ACHO QUE ELAS ENTENDEM QUE TER UMA RELIGIÃO E SEGUIR OS PRECEITOS DA IGREJA CATÓLICA, ME LIMITA DE CERTA MANEIRA E QUE POR CONTA DISSO NÃO POSSA PENSAR O HOMOSSEXUALISMO E O ABORTO, POR EXEMPLO. ELES ACHAM QUE A IGREJA ME OPRIME DE CERTA FORMA.

[LOC] NO PRÓXIMO BLOCO VOCÊ VAI CONHECER OUTRAS PESSOAS QUE FORAM VÍTIMAS DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.

BLOCO 2

[VINHETA]

[SOBE SOM – CAI BG] MUSICA EVANGÉLICA INSTRUMENTAL

[LOC] LAÍS MÁXIMO TEM 27 ANOS, É PROFESSORA DE PORTUGUÊS DA REDE PÚBLICA E EVANGÉLICA. ELA CONTA QUE A RELIGIÃO FOI UM DOS MOTIVOS DE SUA REPROVAÇÃO NA PROVA DO MESTRADO.

[SONORA: LAÍS MÁXIMO] “ALGUNS ANOS ATRÁS, EU ESTAVA ESTUDANDO PRA TENTAR PROVA PROS MESTRADOS E EU GOSTEI BASTANTE DE UMA LINHA DE PESQUISA DA UFRJ. EU PRESTEI PROVA PRA LÁ, PELA PRIMEIRA VEZ, E NÃO PASSEI NA ENTREVISTA. ENTÃO O PROFESSOR SUGERIU QUE EU ASSISTISSE ÀS AULAS COMO OUVINTE. ENTÃO, UM DIA, NUMA DISCUSSÃO, COMEÇOU A FALAR DA QUESTÃO DA RELIGIÃO, IMPOSIÇÃO DE RELIGIÕES E TUDO MAIS, E ELE FALAVA SOBRE A IGREJA CATÓLICA E ENTÃO EU FUI FALAR SOBRE A IGREJA EVANGÉLICA. DESDE ENTÃO, PERCEBI QUE TODA VEZ QUE TINHA ALGUM ASSUNTO MAIS POLÊMICO, ELE FICAVA OBSERVANDO A MINHA REAÇÃO, SENDO QUE EU NÃO TINHA PROBLEMA NENHUM FALAR SOBRE AQUELE TEMA, ATÉ PORQUE EU ESCOLHI ESTAR ALI. UMA AMIGA MINHA PERCEBIA ESSA POSTURA DELE EM RELAÇÃO A MIM, POR EU SER A ÚNICA EVANGÉLICA ALI DO GRUPO. TINHAM OUTRAS PESSOAS QUE NÃO TINHAM NENHUM TIPO DE VALOR RELIGIOSO E ERAM

BASTANTE OFENSIVOS OS COMENTÁRIOS CONTRA QUESTÕES RELIGIOSAS OU CONTRA QUESTÕES DE FÉ. E TODAS AS VEZES EU ME SENTIA OFENDIDA.

[SOBE SOM – CAI BG] MÚSICA ESPÍRITA

[LOC] A PRÓXIMA VÍTIMA DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA PEDIU PARA NÃO SER IDENTIFICADA. ELA É PROFESSORA DE SOCIOLOGIA, TEM 49 ANOS E FOI DISCRIMINADA PELA PRÓPRIA FAMÍLIA.

[SONORA: ESPÍRITA] – “A MINHA FAMÍLIA SEMPRE FOI CATÓLICA, SÓ QUE NA MINHA FAMÍLIA TAMBÉM SE PRATICAVA A UMBANDA, MAS A UMBANDA ERA UMA COISA PRIVADA DA FAMÍLIA, ENTENDEU? MINHA MÃE TRABALHAVA COM UMA CABOCLA CHAMADA JUREMA, MAS ERA SÓ PRA DENTRO DE CASA, NA RUA NINGUÉM SABIA. EU CRESCI COM AS REUNIÕES DE UMBANDA DENTRO DE CASA, MAS PRATICANDO O CATOLICISMO DO LADO DE FORA, PORQUE SERIA UM ESCÂNDALO E EU MORAVA NUMA CIDADE DO INTERIOR DO ESTADO DO RIO, QUE É ANGRA DOS REIS. AÍ QUANDO EU CRESCI, JÁ COM 20 ANOS, EU ME TORNEI ESPÍRITA, PRATICANTE DA DOCTRINA DOS ESPÍRITOS, QUE O PESSOAL CHAMA DE KARDECISMO, E FOI UM CHOQUE NA FAMÍLIA. ENTÃO, CERTA VEZ, QUANDO FUI PASSAR O FINAL DE ANO LÁ, A MINHA IRMÃ MAIS VELHA FICOU REVOLTADA:

_UÉ, MAS VOCÊ VAI VIR PASSAR NATAL NA FAMÍLIA? MAS, NATAL NÃO É UMA DATA ESPÍRITA!

EU FALEI:

_ENGANO SEU! OS ESPIRITAS SÃO CRISTÃOS.

QUANDO EU ESTAVA CHEGANDO COM A MINHA FAMÍLIA, ELA MUITO REVOLTADA, PEGOU UM BALDE COM ÁGUA E SAL GROSSO E JOGOU NA MINHA FAMÍLIA INTEIRA, NO PORTÃO DE CASA. EM MIM, NOS MEUS FILHOS, NO MEU MARIDO E FALOU QUE ERA PRA ESPANTAR O SATANÁS QUE A GENTE TRAZIA JUNTO COM AQUELES ESPÍRITOS QUE A GENTE CONVERSAVA O ANO INTEIRO. E FOI UMA COISA HORRÍVEL, PORQUE A GENTE TEVE QUE SE ABRIGAR. ELA NÃO DEIXOU A GENTE ENTRAR NA

CASA DOS MEUS PAIS, NÓS FOMOS PASSAR NATAL NA CASA DE UM PESSOAL AMIGO NOSSO.

[SOBE SOM – CAI BG: MÚSICA AFRICANA]

[LOC] YASMIN PACHECO É ESTUDANTE, TEM 22 ANOS E SEGUE O CANDOMBLÉ. O RITUAL DE INICIAÇÃO NA SUA RELIGIÃO NECESSITA DE RESGUARDO, OU SEJA, UM MOMENTO DE RECOLHIMENTO, DE RESERVA ESPIRITUAL. ELA CONTA COMO SEU DIREITO FOI BURLADO.

[SONORA: YASMIN PACHECO] “TRABALHANDO NO MUSEU NACIONAL, COMO TODO MUNDO TEM DIREITO A SE AUSENTAR POR QUESTÕES RELIGIOSAS (COMO A ADVENTISTA DO 7º DIA QUE NÃO FAZ PROVA AOS SÁBADOS), FUI CONVERSAR COM A MINHA CHEFE QUE PRECISARIA ME AUSENTAR POR UM MÊS, PORQUE EU IA ME INICIAR, TINHA A DURAÇÃO DE 21 DIAS MAIS OS PREPARATIVOS. ELA NÃO CONCORDOU DE INÍCIO E ME OBRIGOU PAGAR ESSAS HORAS. ENTÃO MEU ESTÁGIO QUE ERA DE 20 HORAS, NO CASO POR UM MÊS, SE TORNOU 40 HORAS. E EU RECEBENDO O MESMO VALOR. QUANDO EU CHEGUEI A PRIMEIRA VEZ NO ESTÁGIO, ELA VIROU A CARA PRA MIM. ELA OLHOU COM AQUELES OLHOS ARREGALADOS, DESESPERADA, COM MEDO, E DEMOROU QUASE UMA SEMANA PRA FALAR DIREITO COMIGO. EU TODA DE BRANCO, CABEÇA COBERTA, DE SAIA, CHEIA DE FIO DE CONTA, COM MOCAN, SENZALA NO BRAÇO, TUDO QUE VOCÊ POSSA IMAGINAR, E EU IA TRABALHAR, IA PRA FACULDADE ASSIM POR TRÊS MESES E NESSE PERÍODO O QUE EU MAIS OUVIA ERA EVANGÉLICO PASSANDO POR MIM DIZENDO “JESUS TE AMA”, “CRUZ CREDO”, “ISSO É COISA DO DIABO”.

[LOC] POR QUE É TÃO DIFÍCIL PARA ALGUMAS PESSOAS, SEGUIDORAS OU NÃO DE ALGUMA RELIGIÃO, RESPEITAR A RELIGIÃO DO OUTRO? NO PRÓXIMO BLOCO VOCÊ VAI CONHECER A OPINIÃO DE ESTUDIOSOS SOBRE ESSE ASSUNTO.

[SOBE SOM] MÚSICA INSTRUMENTAL DE PASSAGEM DE BLOCO

BLOCO 3**[VINHETA]****[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL**

[LOC] O BRASIL É UM PAÍS QUE SE CARACTERIZA PELA PLURALIDADE DE CRENÇAS E DIVERSIDADE ÉTNICA. NO ENTANTO, A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA VEM DESDE A CHEGADA DOS PRIMEIROS PORTUGUESES, EM 1500, QUE DERAM INÍCIO A UMA ERA DE DOMINAÇÃO DA CULTURA EUROPEIA NO PAÍS.

[LOC] ESPECIALISTA EM RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS, A ANTROPÓLOGA, ROSIANE RODRIGUES, EXPLICA QUE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA QUE VIVENCIAMOS HOJE NÃO ENVOLVE APENAS O CULTO AO SAGRADO, MAS É FRUTO DE INTERESSES POLÍTICOS E ECONÔMICOS .

[SONORA: ROSIANE RODRIGUES] “O PROJETO DE CONSTRUÇÃO DE ALGO QUE VIESSE SE TORNAR O BRASIL, É PENSADO A PARTIR DE UM PROJETO MERCANTILISTA. PRIMEIRO NO BRASIL, VOCÊ TEM OS JESUÍTAS QUE VIERAM CATEQUIAR OS ÍNDIOS E OS AFRICANOS ESCRAVIZADOS. ESSAS POPULAÇÕES TINHAM QUE TROCAR SEUS NOMES E ACEITAR A IGREJA CATÓLICA COMO SUA SALVADORA, ACEITAR JESUS CRISTO, E ISSO VAI INFLUENCIAR GRANDEMENTE A ELABORAÇÃO DAS LEIS DESDE A PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL ATÉ AGORA.”

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] VAMOS RELEMBRAR UM POUCO DA HISTÓRIA? NA ÉPOCA DO IMPÉRIO, POR EXEMPLO, A RELIGIÃO OFICIAL ERA A CATÓLICA ROMANA E A LIBERDADE DE CULTO DAS DEMAIS RELIGIÕES SÓ ERA PERMITIDA DENTRO DE CASA.

[LOC] DO FIM DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA, A CONSTITUIÇÃO PASSOU POR MODIFICAÇÕES, EM BUSCA DE UM PAÍS MENOS LIGADO À RELIGIOSIDADE. A PARTIR DE UM DECRETO, O MARECHAL MANOEL DEODORO DA FONSECA PROIBIU A INTERVENÇÃO DA AUTORIDADE FEDERAL E DOS ESTADOS EM MATÉRIA RELIGIOSA E CONSAGROU A PLENA

LIBERDADE DE CULTOS. MAS, A MUDANÇA DE MENTALIDADE NÃO É ASSIM TÃO FÁCIL. VOCÊ SABE O QUE É PRECONCEITO?

[SOBE SOM RÁPIDO – CAI BG] MÚSICA GRAVE.

[LOC] PARA OS ESPECIALISTAS O PRECONCEITO É ALGO QUE DEVEMOS EVITAR. A PSICOTERAPEUTA, ESPECIALISTA EM PROGRAMAÇÃO NEUROLINGUÍSTICA, ANNA ELIZABETH BRANQUINHO EXPLICA:

[SONORA: ANNA ELIZABETH BRANQUINHO] “QUANDO A GENTE ROTULA UMA PESSOA PRECONCEITUOSA, A GENTE ENTENDE QUE ESTA PESSOA ELEGU UM CONCEITO APENAS E TODO O OLHAR DELA VAI EM DIREÇÃO ÀQUELE CONCEITO E OS OUTROS ELA NÃO CONSEGUE ALCANÇAR”.

[LOC] LUTAR CONTRA O PRECONCEITO É LUTAR CONTRA PENSAMENTOS QUE ADQUIRIMOS ATRAVÉS DAS RELAÇÕES SOCIAIS, INCLUSIVE NA FAMÍLIA.

[LOC] HÁ QUEM ACHE QUE PRECONCEITO É O MESMO QUE DISCRIMINAÇÃO. MAS, SABER A DIFERENÇA É FUNDAMENTAL PARA DISTINGUIR ENTRE ESTRANHAR O QUE NÃO É COMUM E A INTOLERÂNCIA PROPRIAMENTE DITA. A ANTROPÓLOGA ROSIANE RORIGUES ESCLARECE A DIFERENÇA.

[SONORA: ROSIANE RODRIGUES] “O PRECONCEITO É ALGO QUE A GENTE NÃO DEVE TER, MAS NÃO É ALGO QUE VAI LEVAR VOCÊ A DISCRIMINAR. O QUE É DIFERENTE DE VOCÊ, EVIDENTEMENTE, TE CAUSA ALGUM TIPO DE ESTRANHAMENTO. PRECONCEITO TEM A VER COM ESTRANHAMENTO. DISCRIMINAÇÃO É OUTRA COISA. DISCRIMINAÇÃO É QUANDO VOCÊ USA AS SUAS CONCEPÇÕES DE MUNDO PARA NEGAR DIREITOS, OU SEJA, SE VOCÊ É UMA PESSOA DE DETERMINADA RELIGIÃO E POR TER UMA OUTRA PESSOA DE UMA OUTRA RELIGIÃO, VOCÊ NEGA UM DIREITO QUE ESSA PESSOA DEVERIA TER.

[LOC] A PALAVRA ‘INTOLERÂNCIA’ SIGNIFICA “TENDÊNCIA A NÃO ACEITAR AS DIFERENÇAS DE OPINIÃO, CRENÇA OU CONDUTA”. NA PRÁTICA, A INTOLERÂNCIA, SOBRETUDO RELIGIOSA, PODE SIGNIFICAR DESTRUÇÃO, DESRESPEITO E ATÉ MORTE. É IMPORTANTE ESCLARECER

QUE A CRÍTICA RELIGIOSA NÃO É IGUAL À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA. O DIREITO DE CRITICAR DOGMAS E ENCAMINHAMENTOS DE UMA RELIGIÃO É ASSEGURADO PELAS LIBERDADES DE OPINIÃO E EXPRESSÃO. NO ENTANTO, ISSO DEVE SER FEITO DE FORMA QUE NÃO HAJA DESRESPEITO E ÓDIO AO GRUPO RELIGIOSO CRITICADO.

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] ATÉ A DÉCADA DE 1970, O PERFIL RELIGIOSO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA ERA DE HEGEMONIA DA RELIGIÃO CATÓLICA, CARACTERÍSTICA HERDADA DO PROCESSO HISTÓRICO DE COLONIZAÇÃO DO PAÍS. NO ENTANTO, COM O PASSAR DO TEMPO, A PROPORÇÃO DE CATÓLICOS DIMINUIU, ENQUANTO A DE EVANGÉLICOS CRESCEU. OS RESULTADOS DO CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010 MOSTRAM O CRESCIMENTO DE OUTROS GRUPOS RELIGIOSOS NO BRASIL E AS CINCO PRINCIPAIS RELIGIÕES, SEGUNDO O IBGE, SÃO A CATÓLICA, EVANGÉLICA, ESPÍRITA, UMBANDA E CANDOMBLÉ.

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] CENTO E QUARENTA E NOVE. ESSE FOI O NÚMERO DE DENÚNCIAS CONTRA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM 2014 NO DISQUE 100 DO DEPARTAMENTO DE OUVIDORIA NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS. EM 2015, ATÉ FEVEREIRO FORAM FEITAS PELO MENOS TRINTA E UMA DENÚNCIAS, SENDO A MAIORIA NOS ESTADOS DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO. OS SEGUIDORES DE RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS SÃO OS PRINCIPAIS ALVOS E UMA DAS CAUSAS ESTÁ LIGADA AO RACISMO, COMO AFIRMA O PEDAGOGO E DIRETOR DO CENTRO DE ARTICULAÇÃO DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS, IVANIR DOS SANTOS.

[SONORA: IVANIR DOS SANTOS] “BOM, VOCÊ VIVE NUMA SOCIEDADE QUE TEM VALORES HEGEMÔNICOS, NÉ? E TUDO AQUILO QUE É CONTRA ESSE VALOR HEGEMÔNICO, NA VERDADE SE CRIA UMA SÉRIE DE PRECONCEITOS COM RELAÇÃO A ESSES GRUPOS. VOCÊ TEM UMA SOCIEDADE NA QUAL A CULTURA EUROCÊNTRICA, A FORMA DE SE PENSAR, A FORMA ESTÉTICA É MUITO FORTE, OU SEJA, AS RELIGIOSIDADES JUDAICO-CRISTÃS TEM UM MODELO. ENTÃO TUDO AQUILO QUE FOGE A ESSE MODELO É RECHAÇADO.

MAS, SE VOCÊ ENTENDER QUE DESDE A COLONIZAÇÃO DO BRASIL, QUANDO O MODELO QUE SE MANTEM AQUI PELOS PORTUGUESES, NA ÉPOCA, E DEPOIS VER A RELAÇÃO QUE TINHA COM OS INDÍGENAS E OS ESCRAVIZADOS, VOCÊ VÊ QUE O MODELO CONSTRUÍDO É EXTREMAMENTE PRECONCEITUOSO E RACISTA. A DIVERSIDADE É MUITO DISCUTIDA, MAS AINDA NÃO MUITO ACEITÁVEL.”

[LOC] O DIA 21 DE JANEIRO DE 2000 É UM MARCO NA HISTÓRIA DA LUTA EM DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA NO BRASIL. GILDÁSIA DOS SANTOS E SANTOS, MAIS CONHECIDA COMO MÃE GILDA, ERA ADEPTA DO CANDOMBLÉ E LEVAVA UMA VIDA NORMAL NA BAHIA ATÉ TER SUA FOTO PUBLICADA NO JORNAL DA IGREJA UNIVERSAL. DURANTE O GOVERNO DE FERNANDO COLLOR, MÃE GILDA RESOLVEU PARTICIPAR DAS MANIFESTAÇÕES REIVINDICANDO O IMPEACHMENT DO ENTÃO PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA.

[LOC] A CAPA DA REVISTA VEJA MOSTROU UMA FOTO DE MÃE GILDA, EM 1992, VESTIDA DE BRANCO COM UMA OFERENDA EM SEUS PÉS COMO FORMA DE SUPLICAR AOS ORIXÁS O QUE ELA PEDIA. SETE ANOS DEPOIS, A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS PEGOU ESTA FOTO, COLOCOU UMA TARJA PRETA NOS OLHOS DE GILDÁSIA E PUBLICOU EM SEU JORNAL “FOLHA UNIVERSAL” UMA REPORTAGEM COM O TÍTULO: “MACUMBEIROS CHARLATÕES LESAM O BOLSO E A VIDA DOS CLIENTES”. A PARTIR DAÍ, O TERREIRO DE MÃE GILDA FOI ALVO DE VANDALISMO. ELA E SEU MARIDO FORAM AGREDIDOS E COM A SAÚDE FRAGILIZADA, MÃE GILDA NÃO SUPORTOU OS ATAQUES E VEIO A FALECER NO DIA VINTE E UM DE JANEIRO DE DOIS MIL.

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] O ESTOPIM DA INTOLERÂNCIA ACONTECEU QUANDO TRAFICANTES CONSIDERADOS EVANGÉLICOS EXPULSARAM ADEPTOS DE RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS DE COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO. INDIGNADO COM TUDO ISSO, O PEDAGOGO IVANIR DOS SANTOS PROPÔS A CAMINHADA EM DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA. O MOVIMENTO NASCEU IMPULSIONADO PELA UMBANDA E CANDOMBLÉ, MAS DEPOIS FOI

AMPLIADO AOS OUTROS SEGMENTOS RELIGIOSOS. IVANIR FAZ UM BALANÇO DO MOVIMENTO ATUAL.

[SONORA: IVANIR DOS SANTOS] “O MAIS IMPORTANTE DA CAMINHADA É QUE NÃO É UMA CAMINHADA RELIGIOSA, AS PESSOAS TEM UMA COMPREENSÃO ERRADA DA CAMINHADA. É UMA CAMINHADA DE RELIGIOSOS E NÃO RELIGIOSOS POR UMA AGENDA CIVIL. NINGUÉM VAI ALI PRA CONVENCER NINGUÉM A ENTRAR NA RELIGIÃO DE NINGUÉM. VAI ALI PRA PEDIR RESPEITO, POR ISSO ELA GANHA NÃO SÓ ADEPTOS QUE TEM RELIGIÃO COMO ATÉ OS ATEUS. É UM ESPAÇO DE LIVRE MANIFESTAÇÃO, DE RESPEITO À DIVERSIDADE. A CAMINHADA CRESCEU PORQUE ‘TÁ’ CONSEGUINDO TOCAR NO CORAÇÃO DAS PESSOAS.”

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] E, QUAL SERIA A SOLUÇÃO PARA A INTOLERÂNCIA? VOCÊ ACHA, POR EXEMPLO, QUE TER ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PODE AJUDAR A ACABAR OU NÃO COM INTOLERÂNCIA?

[LOC] OS ESPECIALISTAS ESTÃO DIVIDIDOS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. UNS DISCORDAM, PELO FATO DO ESTADO SER LAICO. OUTROS ENTENDEM QUE ISSO PODE SER BOM PARA A FORMAÇÃO DE VALORES DO ALUNO.

[LOC] A PROFESSORA DE PORTUGUÊS, ESPECIALISTA EM TEOLOGIA, MARCIA PANTALEÃO, É CONTRA O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS, POIS ACREDITA QUE O PROFISSIONAL TENDE A DAR ÊNFASE À SUA DOCTRINA. APESAR DISSO E DE QUESTIONAR CERTOS DOGMAS, ELA FALA SOBRE UMA EXPERIÊNCIA BOA QUE TEVE NA ESCOLA, ONDE TRABALHOU COMO PROFESSORA DE RELIGIÃO.

[SONORA: MARCIA PANTALEÃO] “DURANTE MUITOS ANOS, A GENTE CONSEGUIU AJUDAR. EU TENHO HISTÓRIAS DE ALUNOS, POR EXEMPLO, COM SÉRIO ENVOLVIMENTO COM DROGAS QUE NA ESCOLA, O ESPAÇO QUE ELAS TIVERAM DE ESCUTA FOI O DA MINHA AULA. EU TENHO UMA ALUNA QUE COM 14 ANOS TAVA TOTALMENTE DEPENDENTE DE COCAÍNA E FOI A MIM QUE ELA PROCUROU PRA CONVERSAR E PEDIR AJUDA. ENTÃO, AS ESCOLAS, A MEU VER, SÃO ESPAÇOS DE FORMAÇÃO HUMANA, ENTÃO ELAS

PRECISAM DE ALGUMA MANEIRA ENCONTRAR DISCIPLINAS QUE NÃO SEJAM SÓ ‘CONTEUDISTAS’, QUE DEEM ESPAÇO PRA ESSE ALUNO SER.

[LOC] O PEDAGOGO IVANIR DOS SANTOS ACREDITA QUE O PROBLEMA É OUTRO. QUESTIONADO SE O ENSINO RELIGIOSO AJUDARIA A ESCLARECER OS ALUNOS E A DIMINUIR O PRECONCEITO, IVANIR DÁ SUA OPINIÃO:

[SONORA: IVANIR DOS SANTOS] “EU ACHO QUE NÃO (AJUDA), PORQUE É ACIRRADO O PRECONCEITO RELIGIOSO. EU SOU FAVORÁVEL A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003, UMA LEI QUE NÃO FALA DE RELIGIÃO, ELA FALA DE HISTÓRIA E DE CULTURA, E A RESISTÊNCIA A ESSA LEI TEM A VER JUSTAMENTE COM ISSO.

[LOC] A LEI DEZ DEZ MIL SEISSENTOS E TRINTA E NOVE TORNA OBRIGATÓRIO O ENSINO SOBRE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS. A PROCURADORIA-GERAL DA REPÚBLICA ENTENDE QUE A ÚNICA FORMA DE O ESTADO LAICO COEXISTIR COM O ENSINO RELIGIOSO, É SE O MESMO FOR DE CARÁTER NÃO CONFSSIONAL, OU SEJA, SEM PROFESSAR A FÉ, MAS SIM EXPOR AS DOCTRINAS, PRÁTICAS, HISTÓRIA E DIMENSÕES SOCIAIS DAS DIFERENTES RELIGIÕES, INCLUINDO POSIÇÕES NÃO RELIGIOSAS.

[SOBE SOM – CAI BG] INSTRUMENTAL

[LOC] A PALAVRA ‘RESPEITO’ VEM DO LATIM E SIGNIFICA "OLHAR OUTRA VEZ". ENTÃO POR QUE NÃO OLHAR OUTRA VEZ PARA O PRÓXIMO E ENXERGAR NELE UMA PESSOA DIGNA DE SER RESPEITADA, INDEPENDENTE DE SUA ORIENTAÇÃO RELIGIOSA? PARA TER RESPEITO É PRECISO SABER RESPEITAR. ISSO NÃO SIGNIFICA SEMPRE CONCORDAR COM A IDEIA DO OUTRO, MAS SIGNIFICA NÃO DISCRIMINAR OU OFENDER ESSA PESSOA POR CAUSA DA SUA FORMA DE VIVER OU DE SUAS ESCOLHAS, DESDE QUE ESSAS ESCOLHAS NÃO SEJAM DESRESPEITOSAS COM OS OUTROS.

[LOC] ENGANA-SE QUEM PENSA QUE A SOLUÇÃO É TOLERAR. SOBRE ISSO, O ESCRITOR JOSÉ SARAMAGO DEIXOU UMA LIÇÃO:

[DRAMATIZAÇÃO: RICARDO JUAREZ] “TOLERAR A EXISTÊNCIA DO OUTRO E PERMITIR QUE ELE SEJA DIFERENTE AINDA É MUITO POUCO. QUANDO SE

TOLERA, APENAS SE CONCEDE, E ESSA NÃO É UMA RELAÇÃO DE IGUALDADE, MAS DE SUPERIORIDADE DE UM SOBRE O OUTRO. DEVERÍAMOS CRIAR UMA RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS DA QUAL ESTIVESSEM EXCLUÍDAS A TOLERÂNCIA E A INTOLERÂNCIA”.

[SOBE SOM - DESPEDIDA]

[LOC] **PRODUÇÃO, REPORTAGEM E LOCUÇÃO:** JACKELINE CHAGAS.

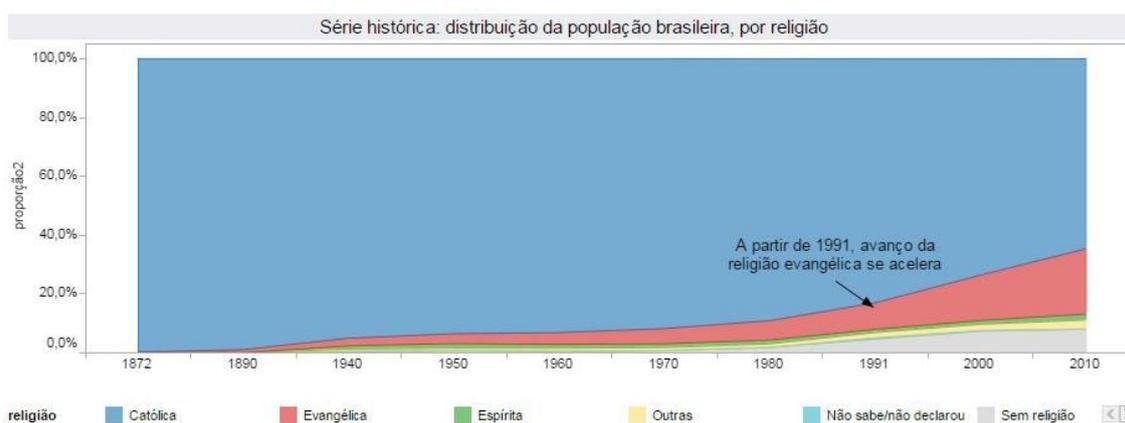
DRAMATIZAÇÃO: RICARDO JUAREZ.

GRAVAÇÃO E EDIÇÃO: MARCELO SANTOS

ORIENTAÇÃO: PROFESSORA ANA BAUM

[LOC] ESTE PROGRAMA FOI PRODUZIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DE JACKELINE GRANADEIRO CHAGAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2015.

GRÁFICO INTERATIVO DO PERFIL RELIGIOSO NO BRASIL



O gráfico mapeia a dinâmica das religiões em território brasileiro. Informações do IBGE, Censo 2010 e divulgado em reportagem interativa de O Globo.